Pesquisa: "MERCOSUL: Base de Dados da Integração Agrícola e Agroindustrial"

O SETOR DE ÓLEOS VEGETAIS

ABIOVE

São Paulo
fev/90

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

PRESIDENTE
Antonio Nilson Craveiro Holanda

DIRETOR EXECUTIVO
Pérsio Marco Antônio Davison

DIRETORA DO PROJETO PNUD/BRA/91/014
Adelina Teixeira Baêna Paiva

Pesquisa - "MERCOSUL: Base de Dados da Integração Agrícola e Agroindustrial"

Coordenação
Enid Rocha Andrade da Silva

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
DOCOB
Nº 40704
DATA 27 / 08 / 10

O Projeto PNUD/BRA/91/014 "Apoio ao Desenvolvimento de Pesquisas em Política Agrícola" é financiado com recursos do empréstimo do Banco Mundial (2727-BR-Parte C) que tem como órgão gestor o Ministério da Fazenda, através da Comissão Técnica do Empréstimo 2727-BR e como órgão executor o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD.

O SETOR DE ÓLEOS VEGETAIS

ABIOVE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA IND. DE ÓLEOS VEGETAIS

FEVEREIRO/90

ABIOVE

O SETOR DE OLEOS VEGETAIS

1. Apresentacao da ABIOVE.

A ABIOVE - Associacao Brasileira das Industrias de Oleos Vegetais foi fundada em Maio de 1981, com os objetivos de congregar, representar e defender os interesses das industrias de oleos vegetais, alem de cooperar com os orgaos publicos na execucao da politica socio-economica do setor. As empresas associadas, inclusive cooperativas com unidades industriais, representam cerca de 90% do processamento nacional de oleaginosas (soja, caroco de algodao, mamona, amendoim, germe de milho, palma e outros).

A entidade, entre outros instrumentos, mantem um sistema de informacoes, amparado por um banco de dados eletronico, para subsidiar a elaboracao de estudos economicos de interesse do setor, bem como para permitir o acompanhamento das atividades industriais. Sao promovidos seminarios, congressos e outros eventos, alem de ser mantido intercambio com entidades similares, nacionais e internacionais.

Considerando os objetivos da entidade, a sua tradicao no setor onde atua e as informacoes que dispoe, permitimo-nos apresentar algumas sugestoes, com a respectiva fundamentacao sobre aspectos prioritarios considerados fundamentais para o desenvolvimento socio-economico do pais e do setor que representamos.

2. Acoes Prioritarias

A vocacao agricola brasileira, acrescida dos fatores favoraveis ao seu desenvolvimento, constitue-se em fator da mais alta relevancia para alavancar um novo florescimento da economia nacional. Com investimentos relativamente pequenos, o incremento agricola permite um retorno a curto prazo, com valores acrescidos e resultados almejados, tanto para o abastecimento interno como para geracao de divisas.

Dentro da agricultura brasileira destacam-se os complexos oleaginosos com resultados extremamente favoraveis, ja alcancados, e com perspectivas de um futuro ainda mais promissor, em especial no caso da soja.

associação brasileira das indústrias de óleos vegetais - abiove
av. paulista, 460 - 4º a. - s. paulo - tel: (011) 287-3433 - telex: (011) 32010 e 36020

ABIOVE

Apresentamos a seguir um elenco de acoes consideradas prioritarias com o objetivo de subsidiar a formulacao de uma politica adequada para o setor, contemplando os seguintes aspectos:

a. Manutencao da liberdade de comercializacao interna e externa, sem controle de precos no mercado interno;

b. Apoio a infra-estrutura de transporte e portuaria para viabilizar os meio de transporte hidroviario, rodoviario e ferroviario, de forma a apresentarem niveis de funcionamento eficientes e competitivos, com incentivo a implantacao de terminais intermodais, com participacao do setor privado. O sistema de mutirao para a manutencao de rodovias podera ser adotado em diferentes oportunidades;

c. Reducao das tarifas portuarias a nivel semelhante ao de nossos principais concorrentes;

d. Transformacao da tributacao indireta em direta;

e. Combater o protecionismo e subsidios dos concorrentes internacionais, que sao predatorios as exportacoes brasileiras, em especial o programa EEP - Export Enhancement Program, concedido pelos EUA as suas exportacoes de oleos comestiveis vegetais;

f. Criar programas de pesquisa e extensao rural para fomentar a producao das oleaginosas;

g. Estabelecer linhas para redesconto de comercializacao agricola e/ou outras formas de financiamento que permitam a estocagem de soja e derivados para atender ao mercado interno durante o periodo de entressafra;

h. Implementar programa de fomento e modernizacao agricola e industrial, inclusive com a importacao de maquinas e equipamentos livre de gravames;

i. Incentivar a implantacao de unidades de geracao de energia pela area privada;

j. Coibir o descaminho da soja brasileira, atraves da exportacao por outros paises, principalmente o Paraguai;

l. Apoiar o desenvolvimento das Bolsas de Mercadorias;

m. Praticar uma politica cambial realista.

associação brasileira das indústrias de óleos vegetais - abiove

av. paulista, 460 - 4º a. - s. paulo - tel: (011) 287-3433 - telex: (011) 32010 e 36020

3. Importancia estrategica do setor.

Os complexos oleaginosos (sementes oleaginosas, farelos proteicos e oleos comestiveis e industriais) mostram-se fundamentais para o desenvolvimento socio-economico brasileiro, pelos seguintes motivos:

a. Os farelos vegetais, apresentam elevado teor de proteina e sao largamente utilizados como macro-nutrientes de racoes balanceadas para producao de aves e suinos, por proporcionarem uma elevada taxa de conversao, reduzindo o tempo de terminacao. O emprego desse insumo estrategico viabilizou a producao, em 1988, em condicoes tecnologicamente modernas, de 1,9 milhoes T de carnes de aves, 1,3 milhoes T de carne suina e 1,3 bilhoes de duzias de ovos, alem de contribuir com a producao de leite e com o confinamento de bovinos - vide fluxo de industrializacao da soja (Quadro 1);

b. Os complexos oleaginosos tambem detem significativa relevancia na geracao de reservas cambiais, respondendo, historicamente, por aproximadamente 10% do total das receitas cambiais do Pais. Em 1989 alcancou a internacao de US$ 3,8 bilhoes - decorrentes de embarques de graos, farelos e oleos - , aproximadamente 24 % do saldo comercial resultante;

c. Encontra-se em franco desenvolvimento o mercado de alimentos proteicos elaborados a partir da soja, destacando-se o extrato hidrossoluvel (leite em po), as farinhas, as proteinas texturizada, concentrada e isolada, e a lecitina. Ressalta-se que a soja e a fonte mais barata de proteina e vem sendo utilizada com sucesso, na forma de alimentos proteicos, em programas institucionais para combate da desnutricao proteico-calorica de significativa parcela da populacao brasileira;

d. O processo de substituicao de gorduras animais pelos oleos vegetais comestiveis, dadas as condicoes competitivas de preco e os beneficios a saude, alcancou tal exito que hoje o oleo de soja refinado enlatado pode ser encontrado em cerca de 500 mil pontos de venda, fato que evidencia a importancia do produto para a alimentacao basica da populacao;

e. Cerca de 50% da producao do Complexo Soja, em termos de valor, e destinado ao mercado internacional, onde o Brasil destaca-se como o maior exportador mundial de farelo de soja, alternando com a Argentina na posicao de lideranca nas exportacoes do oleo de soja. A conquista dessa posicao no mercado internacional foi fruto da competitividade do produto nacional, tanto em termos de preco quanto de qualidade

f. A tendencia de crescimento da demanda mundial por derivados de soja, a taxas superiores ao crescimento populacional, oferece perspectiva do pais aproveitar a oportunidade de explorar devidamente suas potencialidades agricolas, caracterizadas por condicoes edafoclimaticas favoraveis aliadas a disponibilidade de grande area agricultavel.

g. Os complexos oleaginosos integram uma relevante cadeia produtiva, mantendo assim importantes relacoes com outros setores (vide Quadro 2), que conferem um carater de alavancagem ao desenvolvimento nacional. Entre outras regioes, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goias, podemos citar, como exemplo de transformacao socio-economica da regiao de Barreiras na Bahia, ate recentemente deslocada do sistema produtivo nacional nao oferecendo condicoes de fixacao da mao-de-obra local. Com a introducao do cultivo da soja na regiao ocorreu a ampliacao da circulacao de riqueza, possibilitando significativo crescimento nos setores de comercio, prestacao de servicos e construcao civil, com visiveis beneficios a populacao local e, inclusive, de outras regioes que para la se dirigiram;

h. Em termos macroeconomicos, o setor representa cerca de 2% do produto interno bruto exercendo ainda grande influencia no desempenho de importantes segmentos como as industrias de maquinas/implementos agricolas e fertilizantes, entre outros. De acordo com o censo agropecuario do IBGE, em 1980 mais de 500 mil estabelecimentos agricolas dedicavam-se a producao de oleaginosas, indicando a relevancia da atividade para a geracao de empregos, tanto de forma direta quanto indireta, atraves de ampliacao do mercado das industrias de maquinas/implementos agricolas e insumos, e tambem na geracao de servicos - transportes, entre outros. Ressalta-se ainda que a receita tributaria indireta gerada pelo setor carrea aos cofres publicos Estaduais (ICMS) e Federal (PIS, FINSOCIAL e FUNRURAL) cerca de US$ 1 bilhao em 1989.

4. A producao de oleaginosas.

Em 1989 foi colhida uma area de 14,6 milhoes de hectares, que resultou em uma safra record de oleaginosas de 25.300 mil T, compreendendo 23.700 mil T de soja, 1.330 mil T de caroco de algodao, 200 mil T de mamona, 150 mil T de amendoim e 20 mil T de girassol. O Brasil destaca-se como segundo produtor mundial de soja e de mamona e com potencialidade de crescimento em outras oleaginosas.

Ressaltamos que na decada de 80 o cultivo da soja se expandiu de forma significativa em areas novas. sendo que 45% da producao de 1989 foi realizada no Centro-Oeste e Nordeste (vide Mapa e Grafico 1). Novas variedades, desenvolvidas pela EMBRAPA, viabilizando a obtencao de elevada produtividade, criaram condicoes para a incorporacao ao sistema produtivo de areas anteriormente improdutivas. Estas areas constituidas predominantemente por cerrados, que no Brasil totalizam, aproximadamente, 204 milhoes de hectares, em sua maior parte apresentam condicoes edafoclimaticas favoraveis a agricultura, somente esta area poderia abrigar a atual producao agricola quadruplicada. Portanto havendo vontade politica, que acarrete em melhoria da infra-estrutura, principalmente de transportes, e em disponibilidade de recursos para investimentos nessas regioes, viabilizar-se-a a exploracao dessa extensa area.

A soja e altamente tecnificada, face as inovacoes biotecnologicas introduzidas no seu cultivo. Podemos citar como exemplo a inoculacao das sementes com a bacteria rizobium que possibilita a absorcao do nitrogenio do meio ambiente, eliminando a necessidade deste elemento nos fertilizantes. Em decorrencia, atraves da concorrencia tecnologica entre as lavouras e promovida a tecnificacao do campo, gerando melhoria dos indices de produtividade das lavouras; vale ressaltar que a soja viabiliza o cultivo do trigo - safra de inverno - , com importantes reflexos na alimentacao da populacao brasileira (paes, massas, biscoitos, entre outros produtos derivados).

Outro aspecto a ser destacado e a necessidade de incentivo a diversificacao e ampliacao da producao de oleaginosas. Pode-se citar que se encontram em pleno andamento os programas de incentivo a cultura do girassol - implementado pelo proprio setor industrial - e da mamona - com participacao do setor governamental e da industria. Entretanto, considerando a caracteristica dos beneficios sociais propiciados por programas dessa natureza, entendemos que deverao ser implementados tambem para as outras oleaginosas, inclusive soja, para a qual persiste a perspectiva de um mercado promissor a nivel mundial nos proximos anos.

Grande expressao podera alcancar o dende (palma), que e uma cultura permanente com grande possibilidade de desenvolvimento no solo brasileiro e que conta com fonte de demanda internacional. Alguns dispositivos especificos adequados a essa cultura poderao ser facilmente diagnosticados, como por exemplo: o zoneamento, o leasing de terras e um credito adaptado ao plantio.

A politica de precos minimos tem se mostrado um importante instrumento de apoio a producao. Da mesma forma a pesquisa e a tecnologias agricolas vem permitindo uma melhoria do nivel proteico na alimentacao do povo brasileiro. A disponibilidade de linhas de financiamento a producao tambem e indispensavel, assim como o funcionamento dos mercados futuros.

5. O estagio atual da industria de oleos vegetais.

O Brasil, a nivel mundial, possui o segundo maior parque processador de oleaginosas, constituido por mais de 100 empresas. O predominio e daquelas de capital nacional responsaveis, respectivamente, por 76% e 78% das quantidades de esmagamento e refino registradas em 1989.

Hoje, em razao da inexistencia de unidades industriais nas regioes de fronteiras agricolas aliada a obsolescencia de industrias das regioes tradicionais e recomendavel a inclusao do setor em programas de desenvolvimento e modernizacao industrial, para que seja assegurada a condicao de competitividade do complexo a nivel do mercado internacional.

6. Energia Eletrica

O desenvolvimento da agro-industria brasileira esta intimamente ligado a disponibilidade de energia eletrica. Nos rios Tocantins e Araguaia ja estao previstos os aproveitamentos de Santa Isabel e Carolina, com a possibilidade de melhor utilizacao energetica, controle das enchentes, permitindo a navegacao fluvial em carater de permanencia desde Aragarcas ate a Bacia Amazonica. Aragarcas podera ser ligada por ferrovia a Goiania, possibilitando a comunicacao daquela bacia com a rede ferroviaria das regioes Sul e Sudeste. No rio Sao Francisco o prolongamento da ferrovia de Itaparica a Salgueiro (60 Km) permitira o acesso a rede ferroviaria federal.

Nas areas proximas a nova fronteira agricola do Brasil ha uma disponibilidade notavel de rios com razoavel potencial de aproveitamento de energia hidreletrica. A utilizacao dessas fontes permitira o desenvolvimento de uma competente agro-industria em lugar do escoamento da producao "in natura" com a modificacao da legislacao atual (Portaria 109/82 do DNAEE). O investidor privado podera contribuir para solucionar a carencia de energia eletrica naquelas regioes.

Cabe destacar que parcela expressiva das instalacoes industriais sao modernas, utilizando quase que na totalidade o processo quimico de extracao por solvente continuo, bem mais economico e produtivo que o sistema de prensagem mecanica. Entretanto, se faz necessaria a implantacao de processos de automatizacao, a exemplo do que ocorre no exterior. Alem disso cerca de 1/3 do parque industrial e constituido por unidades com mais de 12 anos de idade, que precisam ser modernizadas, de forma a reduzirem os consumos de solvente (hexana) e energeticos. Ressaltamos que os equipamentos e maquinas importados apresentam um padrao qualitativo superior aos nacionais, alem de custarem aproximadamente a metade dos produzidos no Brasil, sendo portanto recomendavel a isencao de impostos para estas importacoes , que permitirao uma melhoria na competitividade brasileira.

7. A formacao de precos.

A nivel interno, o preco da soja em grao, em razao da destinacao de expressiva parcela da producao para o mercado externo, oscila conforme as variacoes da cotacao do mercado internacional, fazendo com que os derivados - farelo e oleo - tambem acompanhem esse comportamento (vide Graficos de Precos em anexo).

O interrelacionamento de precos do oleo de soja entre o mercado interno e o mundial pode ser mensurado atraves do coeficiente de correlacao obtido a partir dos precos de mercado interno e cotacoes FOB porto conforme segue:

a. Oleo bruto - R2 = 0,86

b. Oleo refinado enlatado no varejo e oleo bruto FOB porto - R2 = 0,84

c. Soja em grao - R2 = 0,86

8. A liberdade de comercializacao.

O setor de oleos vegetais possue uma estrutura extremamente competitiva, suprindo o mercado interno de forma eficiente, principalmente, quando vigoram condicoes de livre mercado.

ABIOVE

Dados empiricos tem demonstrado que os precos do oleo no mercado interno, quando nao estao sob o Controle do Conselho Interministerial de Precos, apresentam comportamento normal (vide tabela abaixo e Grafico 8A), e o abastecimento flui de forma mais regular. Assim, um sistema de acompanhamento, com apresentacao mensal de planilhas de custos aos orgaos competentes, tem permitido alcancar pleno suprimento do mercado domestico a precos competitivos.

PERIODOS DE LIBERDADE

PRECOS REAIS - BASE OUTUBRO/89 (NCz$/Cx)

JAN/82	A	FEV/83	REDUCAO DE PRECO
105,66		102,05	(3,42 %)
AGO/84	A	MAR/85	
152,48		138,82	(8,96 %)
DEZ/87	A	NOV/88	
83,67		70,65	(15,56 %)
JUL/89	A	OUT/89	
81,63		54,45	(33,30 %)

A maior evolucao que os precos sofreram foi no periodo de Fevereiro/83 a Outubro/83, passando de NCz$ 102,05 para NCz$ 198,72 /Cx., com variacao real de 95% em 8 meses, quando se encontravam sob controle do CIP.

Tal comportamento se explica pelas seguintes caracteristicas do setor:

a. O oleo de soja e um produto com elevado grau de homogeneidade;

b. Cerca de 100 empresas de diferentes tamanhos tentam permanentemente conquistar uma maior fatia de mercado, atraves de precos competitivos.

Destaque-se que ha necessidade do setor contar com creditos de comercializacao, que permitam o carregamento de estoques para atender o abastecimento interno durante a entressafra. A soja e uma cultura de verao, colhida em 100 dias, enquanto que o consumo de oleo e farelo de soja se distribui pelos 365 dias do ano. O consumidor face seu baixo poder aquisitivo, nao deve ser gravada com os custos financeiros correntes no mercado financeiro brasileiro.

associação brasileira das indústrias de óleos vegetais - abiove

av. paulista, 460 - 4º a. - s. paulo - tel: (011) 287-3433 - telex: (011) 32010 e 36020

Tambem em relacao as exportacoes do Complexo Soja a nao intervencao governamental foi praticada com sucesso nos ultimos anos, permitindo a maximizacao das receitas cambiais e a consolidacao da tradicao brasileira como fornecedor confiavel no mercado internacional. Essa politica de liberdade de comercializacao inclusive com DrawBack tem sido conveniente ao pais.

Alem de um Banco de Dados computadorizado com mais de 150 tabelas, esta Associacao tem contribuido no acompanhamento conjuntural, publicando mensalmente dados sobre processamento, consumo interno, exportacao, estoques, compras de materia-prima (soja em grao) e precos (vide Quadro 3), Mantem-se um estreito relacionamento com os orgaos publicos ligados ao setor.

9. Perspectiva da soja para o ano 2000.

A publicacao especializada alema "OIL WORLD" preve um futuro brilhante para a soja. A producao mundial desta oleaginosa, atualmente por volta de 100 milhoes T, tera que aumentar para 150 milhoes T (vide Quadro 4) para atender a demanda mundial de farelo e oleo de soja abrindo oportunidade excepcional para o produto brasileiro. Lembramos alguns aspectos do potencial agricola da soja no Brasil:

a. 500 milhoes de hectares agricultaveis, sendo somente 12% utilizados efetivamente por atividades agricolas. Portanto, nao ha restricao de area para a agricultura brasileira;

b. Condicoes edafoclimaticas favoraveis;

c. Conhecimento tecnologico;

d. Possibilidade de mecanizacao.

Entretanto, ha previsoes divergentes quanto a safra de soja brasileira no ano 2000. A Fundacao Instituto de Pesquisas Economicas da Universidade de Sao Paulo elaborou estudo para a UNIDO (ONU) projetando uma producao de 41,2 milhoes T, enquanto que a propria "OIL WORLD" manteve uma postura conservadora- 28,5 milhoes T, considerando dificuldades estruturais da sojicultura brasileira, relatadas a seguir.

ABIOVE

10. Competitividade brasileira.

E fato conhecido que o Brasil consegue produzir a um baixo custo agricola, o mesmo ocorrendo no segmento industrial. Contudo, ao cruzar a porteira da fazenda a receita do sojicultor e seriamente comprometida, desestimulando a producao principalmente nas areas mais distantes da nova fronteira agricola conforme demonstra o quadro abaixo.

QUADRO 5
SOJA EM GRAO - COMPARATIVO DE COMPETITIVIDADE - 1990
(EM US$/T - BASE US$ 6/BUS)

	BRASIL	MATO GROSSO	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA
-- Cotacao FOB Porto	US$ 220	US$ 220	US$ 220	US$ 220
- Frete ao Porto	US$ 30	US$ 82	US$ 15	US$ 14
-- Despesas Portuarias	US$ 11	US$ 11	US$ 3	US$ 5
- Impostos Indiretos	US$ 34	US$ 34	US$ -	US$ 51/33 *
-- Receita Liquida	US$ 145	US$ 93	US$ 202	US$ 150/168*.

* Na Argentina o imposto foi reduzido para 23% soja e 15% farelo e oleo.

Essa situacao estrutural acima demonstrada reflete-se no nivel de remuneracao do sojicultor nacional, comprometendo o uso de tecnologias/insumos nos nivels adequados, e inclusive, a propria reposicao de maquinas e equipamentos em estado de obsolescencias.

Altamente prejudicial tem sido a defasagem cambial verificada em diversos periodos refletindo negativamente sobre a rentabilidade do produtor, tendo sido motivo de movimentos reinvindicatorios dos produtores, em 1989, inclusive com bloqueios de estradas e industrias. Esse e um fator que gera grande instabilidade para a agricultura de exportacao.

a. Transporte

Em relacao ao transporte verifica-se que a matriz brasileira encontra-se inadequada para o transporte de grandes massas a longas distancias. No caso da soja (Grafico 9) 74% e movimentada por rodovias, que e o meio de transporte mais oneroso, seguindo-se as ferrovias com 23% e as hidrovias com apenas 3%. Nos Estados Unidos o cinturao

agricola de soja e milho tambem esta localizado a longas distancias dos portos, mas uma extensa rede de hidrovias permite uma significativa utilizacao deste meio de transporte (61%).

O transporte intermodal combinando hidrovias, ferrovias e rodovias, oferece solucoes mais economicas para o deslocamento da safra agricola para os centros de consumo e portos, com beneficios para o consumidor (precos mais baixos) e para o agricultor (maior renda). Assim, para viabilizar a intermodalidade de forma eficiente torna-se necessario ampliar o sistema hidroviario nacional,construir novas ferrovias, principalmente no Centro-Oeste, prover manutencao adequada as malhas ferroviaria/rodoviaria, bem como do material rodante ferroviario - aproximadamente 50 % parados - , modernizar as ferrovias, retificar trechos e incentivar a implantacao de terminais intermodais, com a participacao do setor privado. Sugerimos que uma parte das tarifas ferroviarias, seja utilizada para formacao de um fundo de desenvolvimento ferroviario em que os recursos seriam investidos conforme orientacao dos usuarios em novas ferrovias.

A prioridade de adequacao de novos portos recai sobre Itaqui no Maranhao, Suape em Pernambuco, Camacari/Salvador na Bahia e Vitoria (Capuaba/Tubarao) no Espirito Santo, que permitiram o deslocamento da grande producao dos cerrados.

Em termos de ferrovia os portos mais criticos estao nas proximidades de Belo Horizonte, na regiao de encontro da FEPASA com a rede e na manutencao do material de tracao e de carga. Algumas interligacoes ferroviarias poderao dar maior agilidade ao sistema, como por exemplo a ligacao de Dourados com o Parana. Quatro projetos de grande relevancia merecem decidido apoio oficial: Ferronorte, Ferroeste, Transnordestina e Norte-Sul.

Em termos de desenvolvimento hidroviario cabe destacar a importancia das seguintes navegacoes:

no Rio Madeira - de Porto Velho a Itaquatiara,
no Rio Sao Francisco - de Pirapora ate Cabrobo,
na Bacia Tiete-Parana - de Itumbiara ate Pederneiras,
na Bacia Parana-Paraguai - de Caceres a Nova Palmira (Uruguai).

Chamamos a atencao para o fato da safra de graos (milho, soja, arroz, feijao, trigo, etc...) ter passado de 50 milhoes em 1984 para 70 milhoes atualmente, aumentando sensivelmente a demanda por transporte, sem que houvesse em

contrapartida um aumento na frota de caminhoes (vide Quadros 6 e 7). Assim, criou-se um gargalo ao desenvolvimento das areas mais distantes, uma vez que os fretes do norte do Mato Grosso nesta safra chegaram ate a US$ 100/Tonelada. Esse fato acarreta uma receita liquida de apenas US$ 75/tonelada, inviabilizando a agricultura em uma reglao unica no mundo, com produtividade 30% superior a media nacional e com regime estavel de chuvas que permite a colheita de duas safras ao ano, sem irrigacao.

b. Despesas portuarias

Verifica-se que no Brasil o custo para utilizacao dos servicos portuarios representa duas a tres vezes o de nossos principais concorrentes, mas nem por isso contamos com portos melhor aparelhados e mais eficientes. No Grafico 10, em anexo, pode-se constatar que no periodo de 1983 a 1987 as tarifas portuarias eram compativeis, e atualmente se situam em 90% do custo de processamento, que e uma operacao muito mais sofisticada que o carregamento de granel solido em um navio. Pode-se citar, como exemplo recente de adequacao das tarifas portuarias, a reducao efetivada no porto de Santos de US$ 23/T para US$ 12/T.

Por outro lado, a concessao de autorizacoes para implantacao de terminais privados pode viabilizar uma maior eficiencia, evitando os dispendios governamentais.

c. Tributacao

No mercado interno os oleos comestiveis sao tributados em 17% do ICMS (18% em Sao Paulo) apesar de serem considerados produtos basicos na alimentacao da populacao brasileira. O Complexo Soja tambem sofre forte taxacao de ICMS nas operacoes de exportacao, diferentemente dos Estados Unidos, onde so ha tributacao direta. A Argentina reduziu o Imposto de Exportacao de 36% para 15%. Adicionalmente, a carga fiscal no Brasil compreende ainda 0,65% de PIS e 2,5% de FUNRURAL, alem da tributacao dos insumos agricolas, pelo ICMS, introduzida neste ano, sem que haja a adocao do sistema do valor acrescido. A transformacao da tributacao de Indireta em direta, passando a tributar a renda liquida e nao a receita de vendas seria bem mais justa. O produtor recolheria impostos quando tivesse lucro,deixando de ser onerado em periodos de vendas inferiores ao custo de producao e comercializacao.

Entende-se que os derivados de soja (farelo e oleo) devem ser enquadrados na classificacao de produtos industrializados para fins fiscais, a exemplo do que ocorre com o suco de laranja concentrado, flos de algodao e cafe soluvel.

ABIOVE

11. Subsidios.

a. Comunidade Economica Europeia

A Comunidade tem apoiado a producao de oleaginosas, estabelecendo precos de garantia aos produtores agricolas em patamares duas a tres vezes superiores ao mercado internacional (vide Grafico 11). Os gastos governamentais com este programa de incentivo, que resultaram em um crescimento vertiginoso da producao europeia de oleaginosas (vide Grafico 12), ascenderam a aproximadamente US$ 2 bilhoes/ano.

b. Estados Unidos da America

Nosso principal concorrente tem recorrido a praticas desleais de comercio para compensar a deterioracao de sua competitividade. Quase que a totalidade das exportacoes norte-americanas de oleo de soja sao amparadas por programas de subsidios (vide Grafico 13). Uma parcela expressiva das vendas internacionais de oleo sao financiadas pelo governo dos Estados Unidos a taxa de juros negativa, por periodos de tres a vinte anos.

Em 1988 o Brasil foi deslocado do comercio internacional, atraves da inclusao dos oleos vegetais no Export Enhancement Program - EEP. Os exportadores norte-americanos receberam ate US$ 200/T, cerca de 50% do preco FOB Porto brasileiro.

O Brasil esta denunciando formalmente os subsidios dos Estados Unidos ao GATT - Acordo Geral de Comercio e Tarifas. A ABIOVE tem participado dos trabalhos, assessorando o governo brasileiro com informacoes e ainda com orientacao de um advogado internacional especializado, contratado pela entidade.

Em 02 de Fevereiro de 1990, o processo foi, formalmente, instaurado.

c. Brasil

Contrariamente a politica generalizada de outros paises, o Brasil, ao inves de conceder subsidios, onera o complexo soja com tributos. De acordo com demonstrativo em anexo (Quadro 8) o complexo so-ja devera gerar uma arrecadacao de tributos indiretos de US$ 830 milhoes em 1990.

associação brasileira das indústrias de óleos vegetais - abiove
av. paulista, 460 - 4º a. - s. paulo - tel: (011) 287-3433 - telex: (011) 32010 e 36020

Considerando-se os criterios oficiais de custeio agricola e EGF, concedidos a taxa de juros reais de 12% ao ano, pode-se concluir que o governo teria um dispendio de US$ 316 milhoes, caso recorra ao mercado financeiro - juros reais de 90% ao ano (vide Quadro 9). Portanto, de cada US$ 1,00 que o governo vai aplicar no setor recebera de volta US$ 2,63 na forma de tributos indiretos.

Salientamos tambem que o complexo soja nao e elegivel para programas oficiais de financiamento a exportacao, nem programas de incentivo a exportacao do tipo BEFIEX. Os dolares das exportacoes de soja sao internados de imediato, uma vez que as vendas sao feitas na condicao de pagamento a vista.

12. Descaminho da soja brasileira.

Constata-se que nos ultimos anos parte da soja brasileira tem sido exportada por portos brasileiros como se fosse de procedencia paraguaia, aumentando sensivelmente as quantidades envolvidas nos periodos em que o dolar no paralelo registra agio elevado sobre a cotacao oficial.

Em 1989, o descaminho atingiu 600 mil T de soja (US$ 150 milhoes) tomando por base a producao daquele pais de 1,4 milhoes T, o processamento local, a reserva para sementes e as exportacoes realizadas atraves de portos brasileiros, argentinos e uruguaios.

Anualmente os governos brasileiro e paraguaio negociam limites quantitativos a serem embarcados pelo Brasil, entretanto as quantidades autorizadas tem excedido, de forma sistematica, a disponibilidade para exportacao daquele pais. Assim, se faz mister que o governo brasileiro alem de limitar a quantidade de soja a ser embarcada pelos nossos portos nao devera permitir a repeticao de fatos ocorridos anteriormente, quando nao foram excedidos os limites estabelecidos.

ABIOVE

13. Consideracoes Finais

No presente trabalho, procurou-se mostrar os caminhos da contribuicao dos complexos oleaginosos para o desenvolvimento socio-economico brasileiro. A ABIOVE permanece a inteira disposicao atraves de sua estrutura e das proprias empresas que representa para participar ativamente desta nova arrancada que seguramente levara o Brasil ao encontro do seu destino de nacao grande, independente e soberana.

Permanecemos a inteira disposicao.

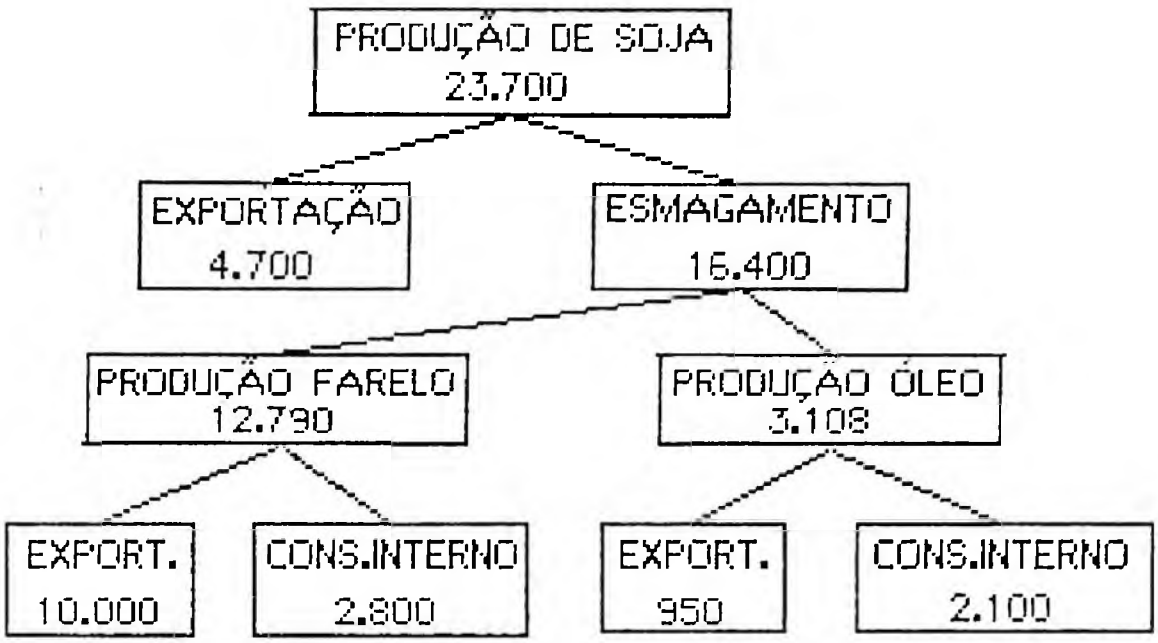
Sao Paulo, 06 de Fevereiro de 1990.

LUIZ FERNANDO FURLAN
Presidente do Conselho/ABIOVE

associação brasileira das indústrias de óleos vegetais - abiove
av. paulista, 460 - 4.º a. - s. paulo - tel: (011) 287-3433 - telex: (011) 32010 e 36020

QUADRO 1

COMPLEXO SOJA - SAFRA 88/89 (1000 T)

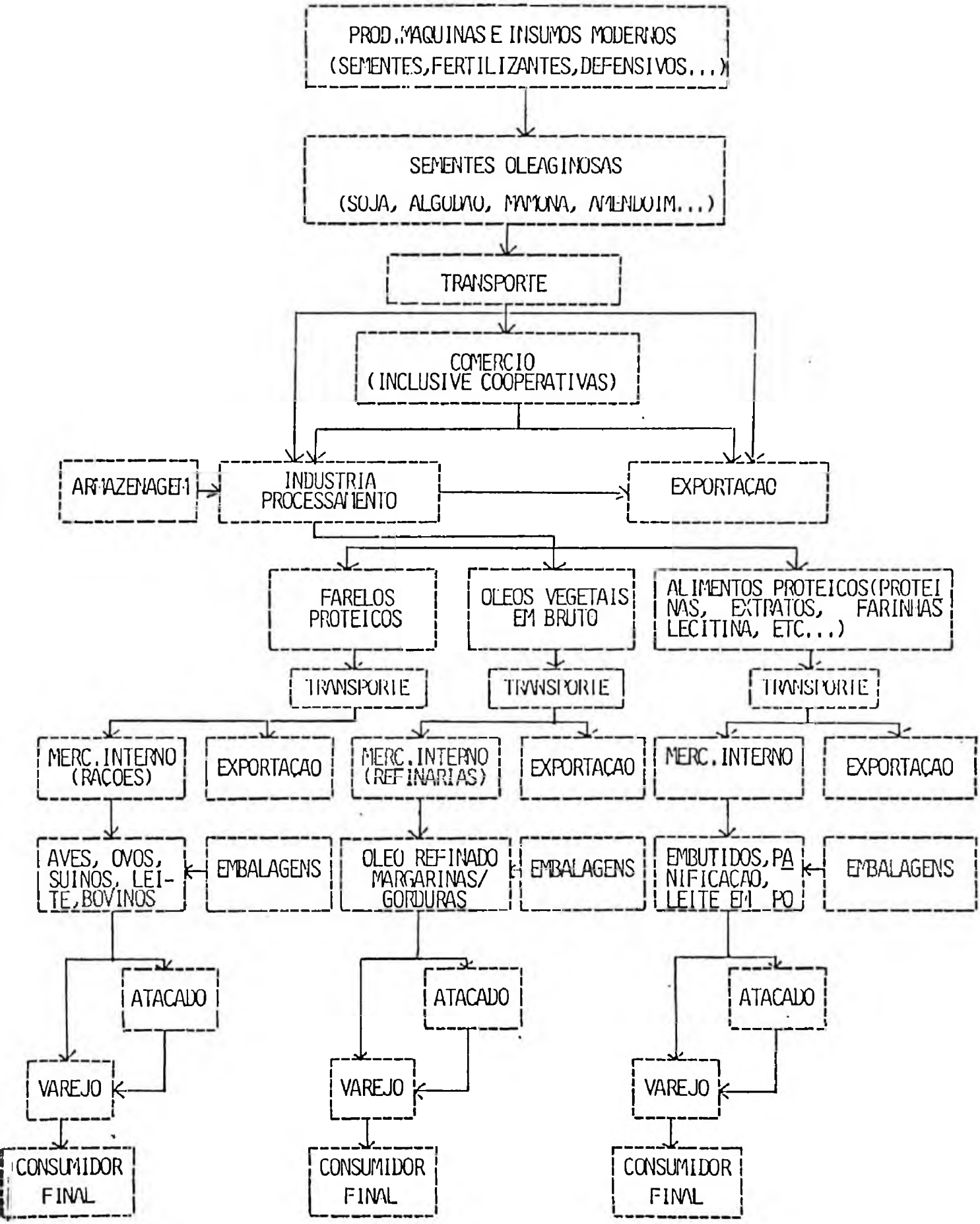


FONTE : ABIOVE

QUADRO 2

COMPLEXO OLEAGINOSAS - RELACOES INTERSETORIAIS

BRA79



QUADRO 3

BRASIL - ESTATISTICAS DE SOJA

PAIS	N	TITULO	PERIODO
BRA	1	PRODUCAO,AREA E RENDIMENTO - BRASIL	A 1969 A 1987
BRA	2	PRODUCAO POR ESTADO	A 1974 A 1987
BRA	3	AREA COLHIDA POR ESTADO	A 1974 A 1987
BRA	4	RENDIMENTO MEDIO POR ESTADO	A 1974 A 1987
BRA	5	AREA/PRODUCAO/RENDIMENTO POR ESTADO (IBGE)	A 1986 A 1989
BRA	6	BALANCO DE OFERTA/DEMANDA - SETOR INDUSTRIAL	A 1982 A 1986
BRA	7	BALANCO DE OFERTA/DEMANDA	A 1987 A 1989
BRA	8	CAPAC.INSTAL.PROCESSAMENTO OLEAGINOSAS	
BRA	9	LOCALIZACAO DAS UNIDADES PROCESSADORAS DE OLEAGINOSAS	
BRA	10	LOCALIZACAO DAS REFINARIAS	
BRA	11	EVOLUCAO DO ESMAGAMENTO DE SOJA	M 1977 A 1989
BRA	12	EXPORTACAO DO COMPLEXO SOJA - DIVISAS CACEX	A 1981 A 1987
BRA	13	EXPORTACAO DO COMPLEXO SOJA - DIVISAS CACEX	A 1980 A 1989
BRA	14	PARTICIPACAO COMPLEXO SOJA NO TOTAL RECEITAS CAMBIAIS	A 1971 A 1980
BRA	15	COMPLEXO SOJA EXPORTACOES - ANO COMERCIAL	A 1973 A 1987
BRA	16	EXPORTACAO PELO SETOR PROCESSADOR - ABIOVE	M 1982 A 1989
BRA	17	EXPORTACAO/RITMO DE EMBARQUES - SGS	M 1982 A 1987
BRA	18	DESTINO DAS EXPORTACOES DE SOJA EM GRAO	A 1973 A 1987
BRA	19	DESTINO DAS EXPORTACOES DE FARELO DE SOJA	A 1973 A 1987
BRA	20	DESTINO EXPORTACOES OLEO REFINADO + OLEO BRUTO SOJA	A 1973 A 1987
BRA	21	DESTINO EXPORTACOES OLEO REFINADO DE SOJA	A 1973 A 1987
BRA	22	DESTINO DAS EXPORTACOES OLEO BRUTO DE SOJA	A 1973 A 1987
BRA	23	EVOLUCAO DO CONSUMO APARENTE - FARELO E OLEO	A 1982 A 1989
BRA	24	CONSUMO APARENTE DE OLEO DE SOJA REFINADO	M 1982 A 1989
BRA	25	PRODUCAO DE CARNE DE FRANGO, SUINA E BOVINA E OVOS	A 1980 A 1988
BRA	26	IMPORTACOES SOJA E OLEO POR ORIGEM	A 1979 A 1987
BRA	27	IMPORTACAO MENSAL SOJA E OLEO DE SOJA	M 1984 A 1988
BRA	28	EVOLUCAO DOS ESTOQUES FINAIS	M 1982 A 1989
BRA	29	COMPRAS LIQUIDAS DE SOJA EM GRAO	M 1982 A 1989
BRA	30	IMPOSTOS/TAXAS INCIDENTES NO COMPLEXO SOJA	
BRA	31	GRAO/FARELO/OLEO BRUTO E REFINADO PRECOS NOMINAIS	M 1982 A 1989
BRA	32	GRAO/FARELO/OLEO BRUTO E REFINADO PRECOS REAIS	M 1982 A 1989
BRA	33	COMPLEXO SOJA/EVOLUCAO DAS COTACOES FOB BRASIL	M 1982 A 1985
BRA	34	COMPLEXO SOJA/EVOLUCAO DAS COTACOES FOB BRASIL	M 1986 A 1989
BRA	35	PREMIO DE OLEO E GRAO (PARANAGUA)	M 1987 A 1989
BRA	36	PREMIO FOB BRASIL - EMBARQUE MAIO	A 1982 A 1988
BRA	37	COMPLEXO SOJA/EVOLUCAO DAS COTACOES-MEDIAS 1987/88	M 1987 A 1989
BRA	38	PRECOS COMPLEXO SOJA - CFP	M 1982 E 1983
BRA	39	PRECOS COMPLEXO SOJA - CFP	M 1984 E 1985
BRA	40	PRECOS COMPLEXO SOJA - CFP	M 1986 E 1987
BRA	41	PRECOS COMPLEXO SOJA - CFP	M 1988 E 1989
BRA	42	RELACAO DE TROCA - FARELO E MILHO X CARNES E OVOS	M 1982 A 1989
BRA	43	PRECO SEMANAL OLEO DE SOJA REFINADO/ENLATADO	S 1980 E 1989
BRA	44	OLEO REFINADO DE SOJA ENLATADO - REAJUSTES CIP	A 1985 A 1987
BRA	45	TABELAMENTO-PORT.E PRECOS OLEO DE SOJA ENLATADO	M 1983 A 1989
BRA	46	OLEO REFINADO DE SOJA - PRECOS DOS INSUMOS	M 1983 A 1986
BRA	47	OLEO REFINADO DE SOJA - PRECOS DOS INSUMOS	M 1987
BRA	48	OLEO REFINADO DE SOJA - PRECOS DOS INSUMOS	M 1988
BRA	49	PRECO OLEO SOJA NO VAREJO - S.PAULO	M 1974 E 1988
BRA	50	PARTICIPACAO DO OLEO DE SOJA ENLATADO NO IPC	
BRA	51	DESPESAS PORTUARIAS-PARANAGUA - EM CZ$/T	A 1983 A 1988
BRA	52	DESPESAS PORTUARIAS-PARANAGUA - EM US$/T	A 1983 A 1988
BRA	53	DESPESAS PORTUARIAS-SANTOS - EM CZ$/T	A 1983 A 1988
BRA	54	DESPESAS PORTUARIAS-SANTOS - EM US$/T	A 1983 A 1988
BRA	55	DESPESAS PORTUARIAS-SAO FRANCISCO - EM CZ$/T	A 1986 A 1988
BRA	56	DESPESAS PORTUARIAS-SAO FRANCISCO - EM US$/T	A 1986 A 1988
BRA	57	DESPESAS PORTUARIAS-RIO GRANDE - EM CZ$/T	A 1983 A 1988
BRA	58	DESPESAS PORTUARIAS-RIO GRANDE - EM US$/T	A 1983 A 1988
BRA	59	MEIOS DE TRANSPORTES UTILIZADOS	
BRA	60	FRETES FERROVIARIOS (TABELA) - EM CZ$/T	A 1983 A 1988
BRA	61	FRETES FERROVIARIOS - EM US$/T	A 1983 A 1988
BRA	62	REAJUSTES DA TARIFA FERROVIARIA-SOJA EM GRAO E FARELO	M 1984 A 1988
BRA	63	TARIFA FERROVIARIO SOJA BASE CAMPO GRANDE/PARANAGUA	M 1984 A 1988
BRA	64	EVOLUCAO DO CUSTO DE PRODUCAO DA SOJA-RIO G. DO SUL	A 1980 A 1988
BRA	65	PRECOS PAGOS PELOS AGRIC.-FERTIL.-PARANA-CR$/CZ$	M 1982 A 1989
BRA	66	PRECOS PAGOS PELOS AGRIC.-FERTIL.PARANA - US$/T	M 1982 A 1989
BRA	67	PRECOS DE FERTILIZANTES - PARANA US$/T	A 1982 A 1987
BRA	68	PRECOS PAGOS AO PRODUTOR-SEMENTES SOJA-EST.PARANA	M 1982 A 1989
BRA	69	CUSTO DE PRODUCAO-REGIAO C/SUL	A 1986 E 1987
BRA	70	CUSTOS SOJA BRAS. E AMERICANA FAZENDA E PORTO	1986/1987

BRA	71	EVOLUCAO DO V.U.N. PARA SOJA	A 1977 A 1988
BRA	72	SOJA-RELACAO PRECO MINIMO/PRECO DE VENDA	A 1974 A 1987
BRA	73	EVOLUCAO DO PRECO MINIMO - SOJA	M 1980 A 1988
BRA	74	EVOLUCAO DO PRECO MINIMO - GIRASSOL	M 1980 A 1988
BRA	75	EMPRESTIMO GOVERNO FEDERAL - EGF - SOJA	A 1980 A 1988
BRA	76	ENCARGOS FINANCEIROS, CREDITO RURAL	A 1975 A 1987
BRA	77	CREDITO RURAL POR FINALIDADE(VALORES NOMINAIS E REAIS)	A 1969 A 1986
BRA	78	CREDITO RURAL POR FINALIDADE(PARTICIPACAO PERCENTUAL)	A 1969 A 1986
BRA	79	FLUXO DE RELACOES INTERSETORIAIS :	
BRA	80	DOLAR NORTE-AMERICANO	M 1970 A 1987
BRA	80A	COTACAO DOLAR VENDA MEDIA ANUAL, OFICIAL DO BACEN	A 1975 A 1988
BRA	81	EVOLUCAO DO VALOR DA ORTN/OTN	M 1969 A 1987
BRA	82	EVOLUCAO DO IGP	M 1977 A 1987
BRA	83	ICMS NA EXPORTACAO	
BRA	84	PRODUCAO DE GRAOS:ARROZ, FEIJAO, MILHO, SOJA E TRIGO	A 1975 A 1988
BRA	85	PESQUISA SEMANAL-OLEO DE SOJA/LATA - SAO PAULO	S 87 A 12/88
BRA	86	EVOLUCAO DO PLANTIO - ESTADO DO PARANA	A 1970 A 1987
BRA	87	INFLACAO OFICIAL VERSUS OLEO DE SOJA	M 1988
BRA	88	EVOLUCAO RENTABILIDADE MEDIA NOMINAL SETOR O.VEGETAIS	A 1979 A 1987
BRA	89	FRETE RODOVIARIOS-NIVEL TRANSPORTADORA	M 1987
BRA	90	DISTRIBUICAO UNIDADES INDS.POR OLEAGI. PROCESSADAS	1987
BRA	91	CAPACIDADE NOMINAL INSTALADA	A 1977 A 1987
BRA	92	COMP.QUILOMETRAGEM MEDIA TRANSPORTE RODOVIARIO SOJA	A 1980 A 1989
BRA	93	INDICE DE PRECOS AO CONSUMIDOR	M 1986 A 1987
BRA	94	IMPORTACOES DE OLEO BRUTO E REFINADO DE SOJA	A 1984 A 1988
BRA	95	PARTICIPACAO POR ESTADO NA PRODUCAO DE SOJA	A 1980 A 1987
BRA	96	COMPRAS GOVERNAMENTAIS DE SOJA (AGF)	A 1985 A 1989
BRA	97	MARCAS DE OLEO	
BRA	98	PRODUCAO DE SOJA X PROCESSAMENTO(1987)	
BRA	99	EXPORTACAO DE GRAO, FARELO DE SOJA POR PAISES	A 1987 E 1988
BRA	100	EXPORTACAO DE OLEO DE SOJA POR PAISES	A 1987 E 1988

MUNDIAL E OUTROS PAISES
ESTATISTICAS DE SOJA

PAIS	N	TITULO	PERIODO
MUN	1	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-PRINCIPAIS OLEAGINOSAS	A 1982 A 1988
MUN	2	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-PRINCIPAIS FARELOS	A 1982 A 1988
MUN	3	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-PRINCIPAIS OLEOS	A 1982 A 1988
MUN	4	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-COMPLEXO SOJA	A 1981 A 1988
MUN	5	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-SOJA EM GRAO	A 1978 A 1988
MUN	6	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-FARELO DE SOJA	A 1978 A 1988
MUN	7	OFERTA E DEMANDA MUNDIAL-OLEO DE SOJA	A 1978 A 1988
MUN	8	PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PAISES PRODUTORES SOJA	A 1982 A 1989
MUN	9	COMPARATIVO DA COMPETITIVIDADE	A 1980
MUN	10	PROJECAO DA PRODUCAO MUNDIAL OLEAGINOSAS - 1990/2002	A 1980 A 2002
MUN	11	PROJECAO CONSUMO MUNDIAL FARELOS PROTEICOS-1990/2002	A 1980 A 2002
MUN	12	PROJECAO DE CONSUMO MUNDIAL OLEOS VEGETAIS-1990/2002	A 1980 A 2002
MUN	13	AREA, PRODUCAO E RENDIMENTO-BRASIL,EUA E ARGENTINA	A 1971 A 1988
EUA	1	OFERTA E DEMANDA - SOJA	A 1975 A 1988
EUA	2	ESMAGAMENTO DE SOJA	M 1971 A 1989
EUA	3	MARGEM DE ESMAGAMENTO DE SOJA - DECATUR	M 1982 A 1987
EUA	4	DESTINO DAS EXPORTACOES DE OLEO DE SOJA	A 1970 A 1987
EUA	5	CRESCIMENTO MERCADO-AMERICANO-FARELO E OLEO SOJA	A 1977 A 1988
EUA	6	CUSTO DE PRODUCAO DE SOJA	A 1970 A 1981
EUA	7	CUSTO DE PRODUCAO DE SOJA	A 1983 A 1986
EUA	8	EXPORTACOES OLEO DE SOJA POR PROGRAMA GOVERNAMENTAL	A 1978 A 1986
EUA	9	EXPORTACOES OLEO SOJA COM ASSISTENCIA GOVERNAMENTAL	A 1978 A 1986
EUA	10	EXPORTACOES OLEO SOJA SEM ASSISTENCIA GOVERNAMENTAL	A 1978 A 1986
ARG	1	MOAGEM MENSAL DE SOJA	M 1985 A 1988
ARG	2	SOJA - AREA, PRODUCAO E RENDIMENTO	A 1979 A 1987
ARG	3	COMPLEXO SOJA - PRODUCAO, ESMAGAMENTO E EXPORTACAO	A 1980 A 1989
CEE	1	PRECO DE GARANTIA E DE MERCADO	A 1981 A 1987
CEE	2	GASTOS NA PRODUCAO OLEAGINOSAS E PRODUCAO DE COLZA, GIRASSOL E SOJA	A 1979 A 1987

PERIODICIDADE:

QUADRO 4

OPORTUNIDADES DO COMPLEXO SOJA BRASILEIRO

(MILHÕES TON)

PERÍODO	MUNDIAL	BRASIL
1989	94	23,1
2000	150	28,5 (1) 41,2 (2)
ACRÉSCIMO	56	5,4 (1) 13,9 (2)

(1) PREVISÃO OIL WORLD — HAMBURGO
(2) PREVISÃO FIPE/USP — UNIDO

6.7 — FROTA DE VEÍCULOS RODOVIÁRIOS
6.7.1.2 — TOTAL DE VEÍCULOS DO BRASIL, POR CLASSE E COMBUSTÍVEL — 1981–85

CLASSE DE VEÍCULOS	QUANTIDADE DE VEÍCULOS MOVIDOS A DIESEL				
	1981	1982	1983	1984	1985
VEÍCULOS DE PASSEIO	1.146	1.590	2.036	2.513	3.239
Nacionais	1.146	1.590	2.036	2.513	3.239
Táxis (1)	16	16	16	16	22
VEÍCULOS COMERCIAIS LEVES	73.138	107.299	132.525	155.806	176.371
Nacionais	73.138	107.299	132.525	155.806	176.371
VEÍCULOS DE TRANSPORTE COLETIVO	110.572	118.455	124.648	128.072	128.959
Nacionais	110.572	118.455	124.648	128.072	128.959
Microônibus	3.441	3.773	4.026	4.232	4.499
Ônibus Interurbanos	50.970	53.821	55.704	56.776	56.086
Ônibus Urbanos	54.284	58.930	62.923	64.993	66.006
Não-especificados	1.877	1.931	1.995	2.072	2.368
VEÍCULOS DE TRANSPORTE DE CARGA	722.338	758.759	786.272	815.649	847.231
Nacionais	722.338	758.759	786.272	815.649	847.231
Leves	111.173	121.918	131.313	142.065	157.437
Médios	388.491	400.468	407.920	415.562	419.178
Semipesados	138.179	148.222	156.135	164.028	174.822
Pesados	69.797	71.541	72.545	73.408	72.362
Superpesados	12.015	13.908	16.641	17.761	20.671
Não-especificados	2.683	2.702	2.718	2.735	2.761

QUADRO 7

CAMINHÕES
VENDAS NO MERCADO INTERNO (em unidades)

PERÍODO	TOTAL GERAL		SEMIPESADOS / PESADOS / SUPERPESADOS (**)	
	NO ANO	ACUMULADO	NO ANO	ACUMULADO
1957	18.063	18.063	8.106	8.106
1958	27.384	45.447	11.313	19.419
1959	37.211	82.658	10.100	29.519
1960	38.053	120.711	9.742	39.261
1961	26.289	147.000	5.714	44.975
1962	36.194	183.194	7.403	52.378
1963	21.536	204.730	5.971	58.349
1964	21.174	225.904	5.359	63.708
1965	22.451	248.355	6.470	70.178
1966	30.547	278.902	9.795	79.973
1967	27.609	306.511	9.406	89.379
1968	40.458	346.969	12.572	101.951
1969	39.433	386.402	14.261	116.212
1970	38.167	424.569	16.698	132.910
1971	37.643	462.212	18.198	151.108
1972	50.342	512.554	24.697	175.805
1973	64.818	577.372	30.686	206.491
1974	71.433	648.805	33.493	239.984
1975	69.901	718.706	37.850	277.834
1976	74.971	793.677	40.803	318.637
1977	90.247	883.924	44.560	363.197
1978	78.891	962.815	46.001	409.198
1979	78.706	1.041.521	44.261	453.459
1980	81.933	1.123.454	42.584	496.043
1981	55.938	1.179.392	32.310	528.353
1982	41.257	1.220.649	24.700	553.053
1983	34.573	1.255.222	20.481	573.534
1984	42.884	1.298.106	23.061	596.595
1985	55.664	1.353.770	27.479	624.074
1986	71.854	1.425.624	33.484	657.558
1987	56.385	1.482.009	29.390	686.948
1988	54.912	1.536.921	30.082	717.030
1989 (*)	24.891	1.561.812	14.481	731.511

(*) Até Jul/89.

(**) FNM; MERCEDES; SCANIA; FIAT E VOLVO.

OBS.: O BNDES financia 30% do valor de caminhões pesados acima de 25 T.

FONTE: ANFAVEA

ABIOVE

QUADRO 8

ESTIMATIVA DE ARRECADAÇÃO DE TRIBUTOS INDIRETOS

COMPLEXO SOJA - 1990

1. Exportação (ICMS + PIS)

Produto	Quantidade (1000 T)	Preço Médio (US$/T)	Valor (US$ Milhões)	Alíquota (%)	Receita Tributária US$/Milhões
Grão	3.500	220	770	13,65	105
Farelo	8.500	200	1.700	11,75	200
Óleo Degomado	580	420	244	8,65	21
Sub-Total					326

2. Mercado interno (ICMS + PIS + FINSOCIAL)

Grão	1.700	350	595	18,85	112
Farelo	3.000	200	600	18,85	113
Óleo Refinado	2.200	500	1.100	18,85	207
Sub-Total					432

3. FUNRURAL (2,5% sobre preço produtor) 72

4. Total Tributos 830

Obs.:

1. Não inclui o Adicional de Tarifas Portuárias - ATP
2. Considerado alíquotas de 1,2% no FINSOCIAL e 0,65% no PIS em vigor a partir de 02.01.90.

ABIOVE

QUADRO 9

ESTIMATIVA DE GASTOS GOVERNAMENTAIS

CRÉDITO DE CUSTEIO E EGF DE SOJA - 1990

1. Financiamentos oficiais

Linha	Alocação (US$ Milhões)	Taxa (ao ano)	Prazo (meses)	Receita Governo (US$ Milhões)
Custeio	790 (1)	BTN + 12%	6	46
EGF	277 (2)	BTN + 12%	4,5	12
Total	1.067			58

2. Custo de oportunidade (mercado)

a. Hipótese histórica - Juros reais de 30% A.A.

Linha	Alocação (US$ Milhões)	Taxa (ao ano)	Prazo (meses)	Custo do Dinheiro (US$ Milhões)
Custeio	790	BTN + 30%	6	110
EGF	277	BTN + 30%	4,5	29
Total	1.067			139

b. Hipótese mercado financeiro atual - Juros reais de 90% A.A.

Linha	Alocação (US$ Milhões)	Taxa (ao ano)	Prazo (meses)	Custo do Dinheiro (US$ Milhões)
Custeio	790	BTN + 90%	6	299
EGF	277	BTN + 90%	4,5	75
Total	1.067			374

ABIOVE

3. Apuração do dispêndio governamental líquido (US$ Milhões)

a. Hipótese histórica

Receita do governo	58
Custo do Dinheiro	139
Dispêndio governamental líquido	81

b. Hipótese de mercado financeiro atual

Receita do governo	58
Custo do dinheiro	374
Dispêndio governamental líquido	316

4. Análise Custo - Benefício

Conforme apurado no Quadro , o complexo soja deverá propiciar uma arrecadação tributária da ordem de US$ 830 milhões. Portanto, o setor gerará um benefício líquido ao governo de no mínimo US$ 514 milhões, considerando a elevada taxa de juro real praticada atualmente, ou seja, para cada US$ 1,00 que o governo aplicará na setor obterá um retorno de US$ 2,63.

OBS.:

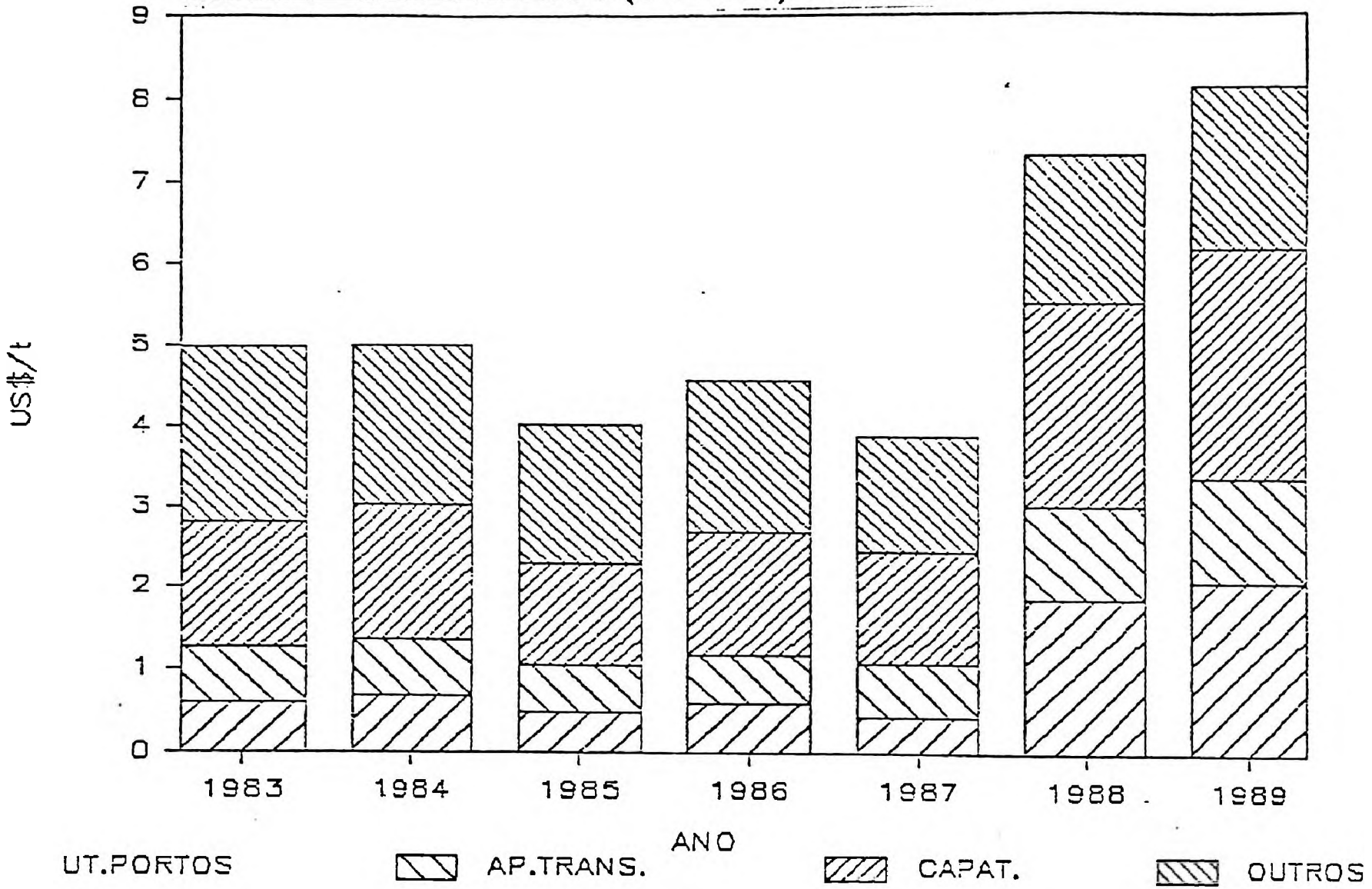
(1) Previsão da Companhia de Financiamento da Produção em "valores básicos de custeio - safra de verão 1989/90", publicada em Outubro/89.

(2) 12,7% do total da safra estimada em 20 Milhões T, mesmo percentual concedido em 1988.

LEGENDA
ÁREAS TRADICIONAIS
ÁREAS EM DESENVOLVIMENTO
SOJA NO BRASIL
EVOLUCAO DA PRODUÇÃ

DESPESAS PORTUARIAS — FARELO DE SOJA

PARANAGUA (GRANSOL) BASE ABRIL

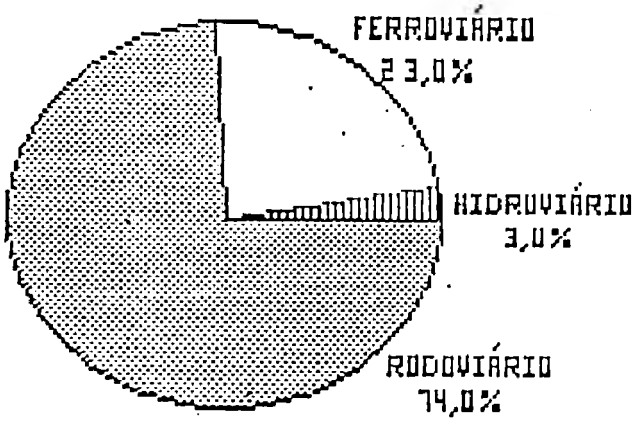


OBS.: A partir de Outubro/89 a tarifa foi elevada para US$ 11,10.

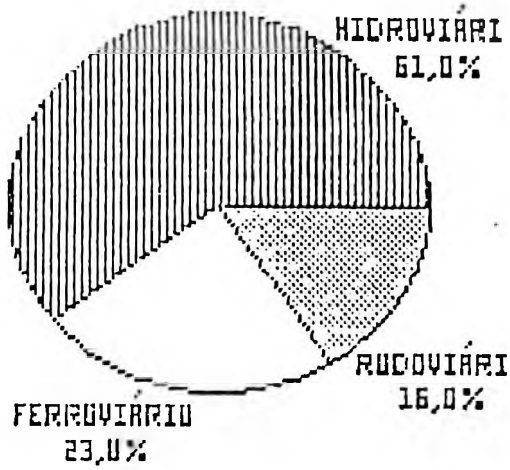
GRÁFICO 9

MEIOS DE TRANSPORTE UTILIZADOS
SETOR SOJA

BRASIL



EUA



FONTE: ABIOVE/RELATÓRIO ITC

GRÁFICO 3

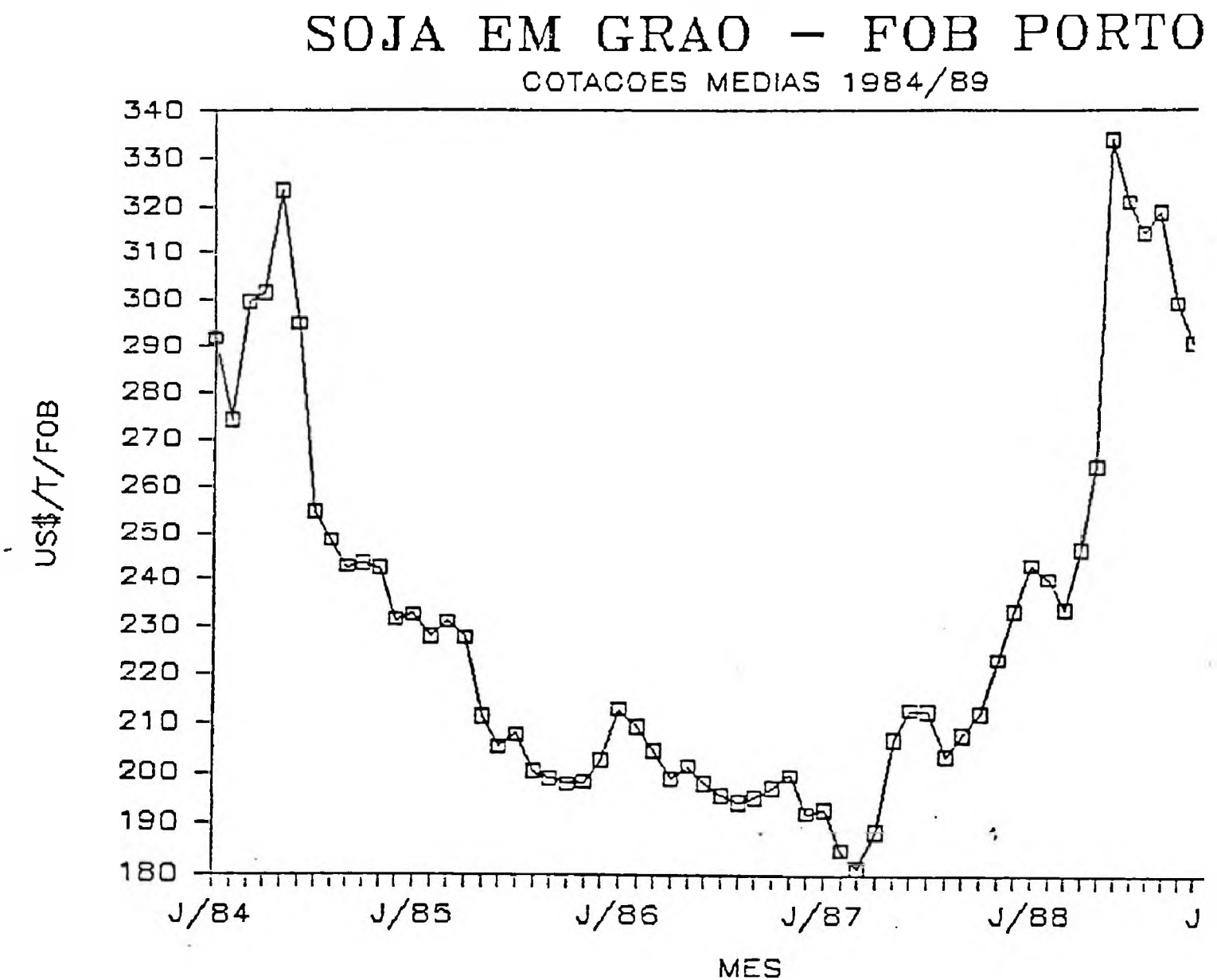
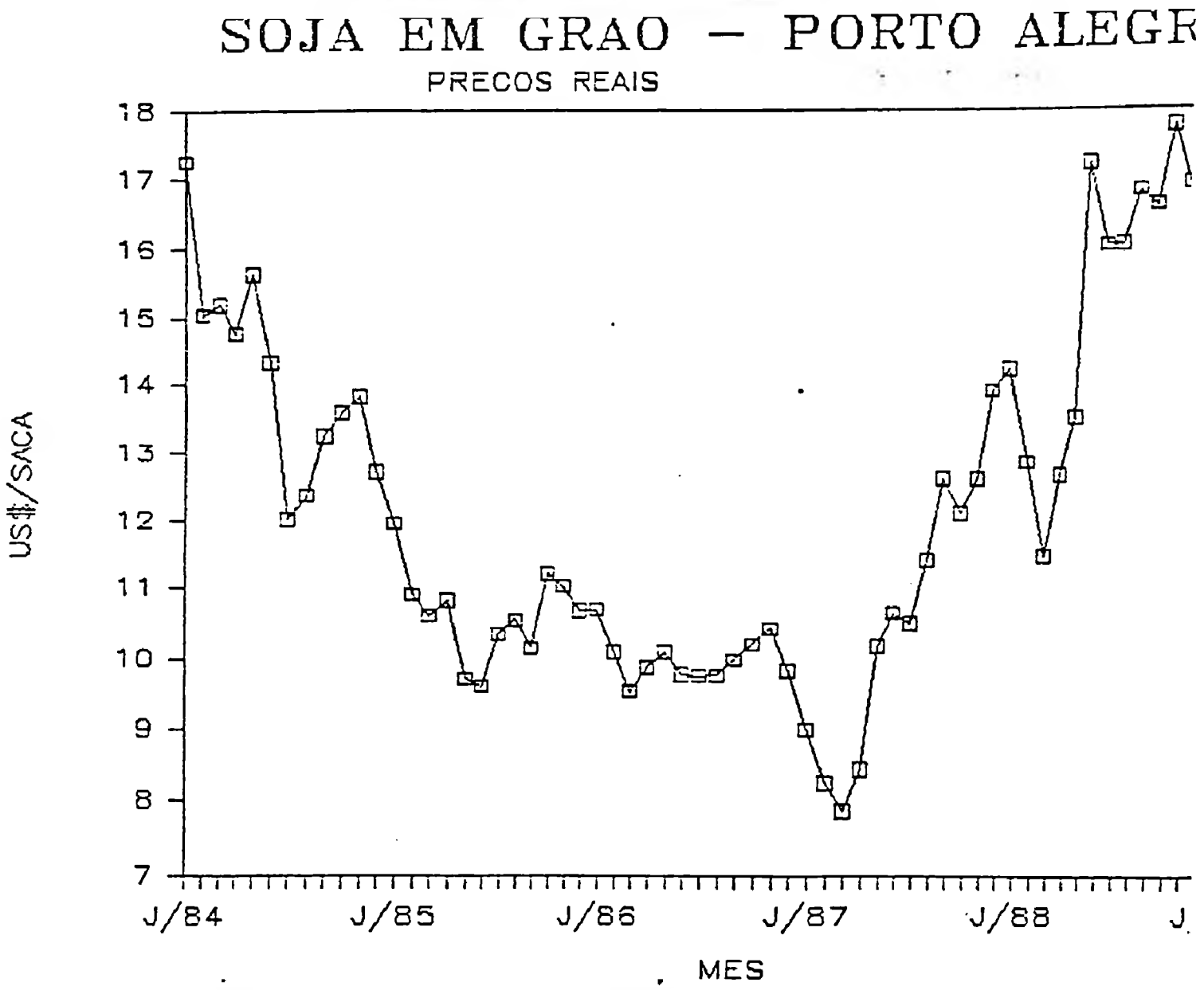
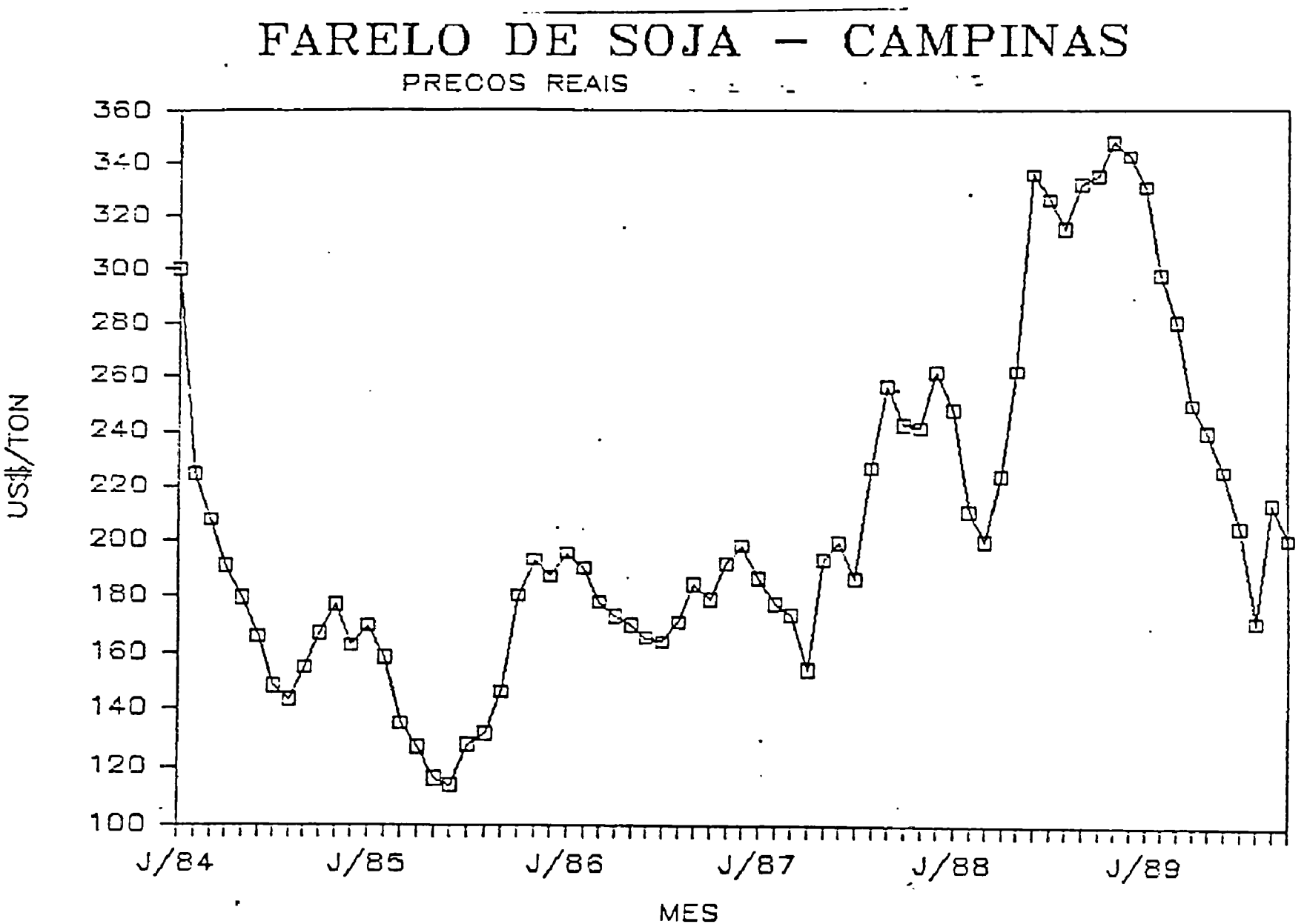

SOJA EM GRAO - FOB PORTO
COTACOES MEDIAS 1984/89
US$/T/FOB
340
330
320
310
300
290
280
270
260
250
240
230
220
210
200
190
180
J/84
J/85
J/86
J/87
J/88
J
MES

GRÁFICO 2



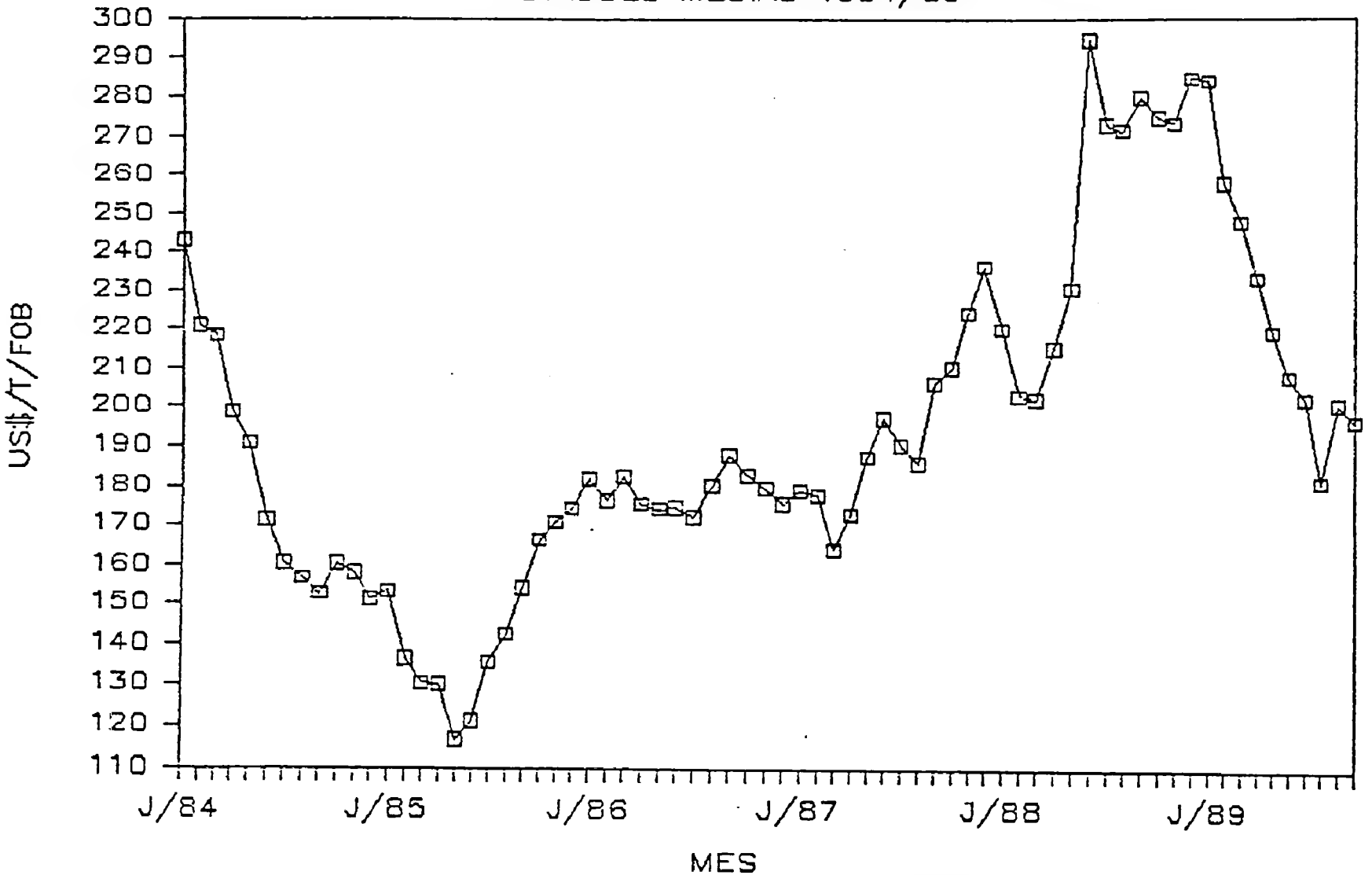
Fonte: INFORMATIVO ABIOVE.

GRÁFICO 4


FARELO DE SOJA – CAMPINAS
PRECOS REAIS
US$/TON
360
340
320
300
280
260
240
220
200
180
160
140
120
100
J/84
J/85
J/86
J/87
J/88
J/89
MES

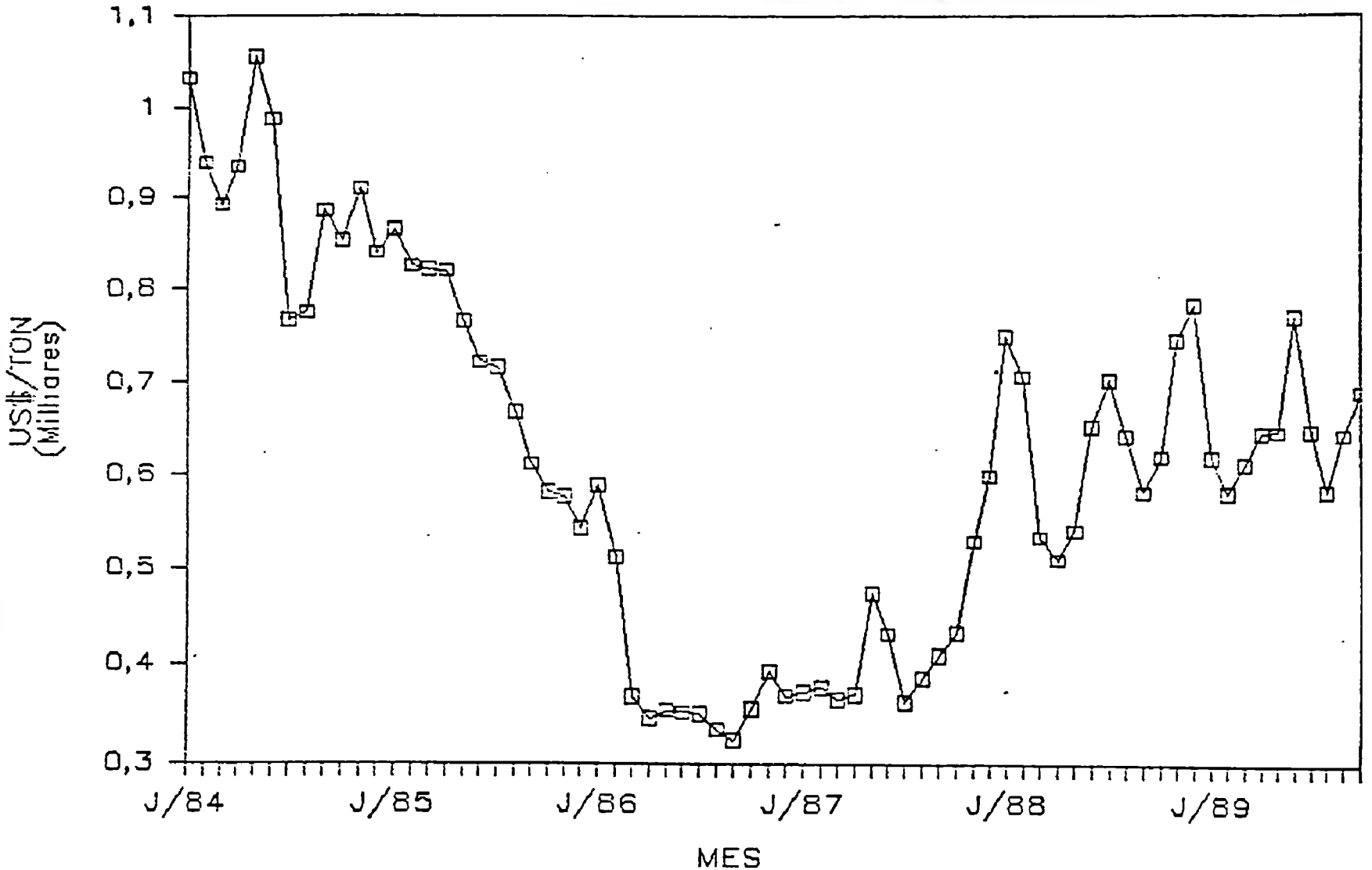
FARELO DE SOJA – FOB PORTO

COTACOES MEDIAS 1984/89



OLEO BRUTO DE SOJA — SAO PAULO

PRECOS REAIS

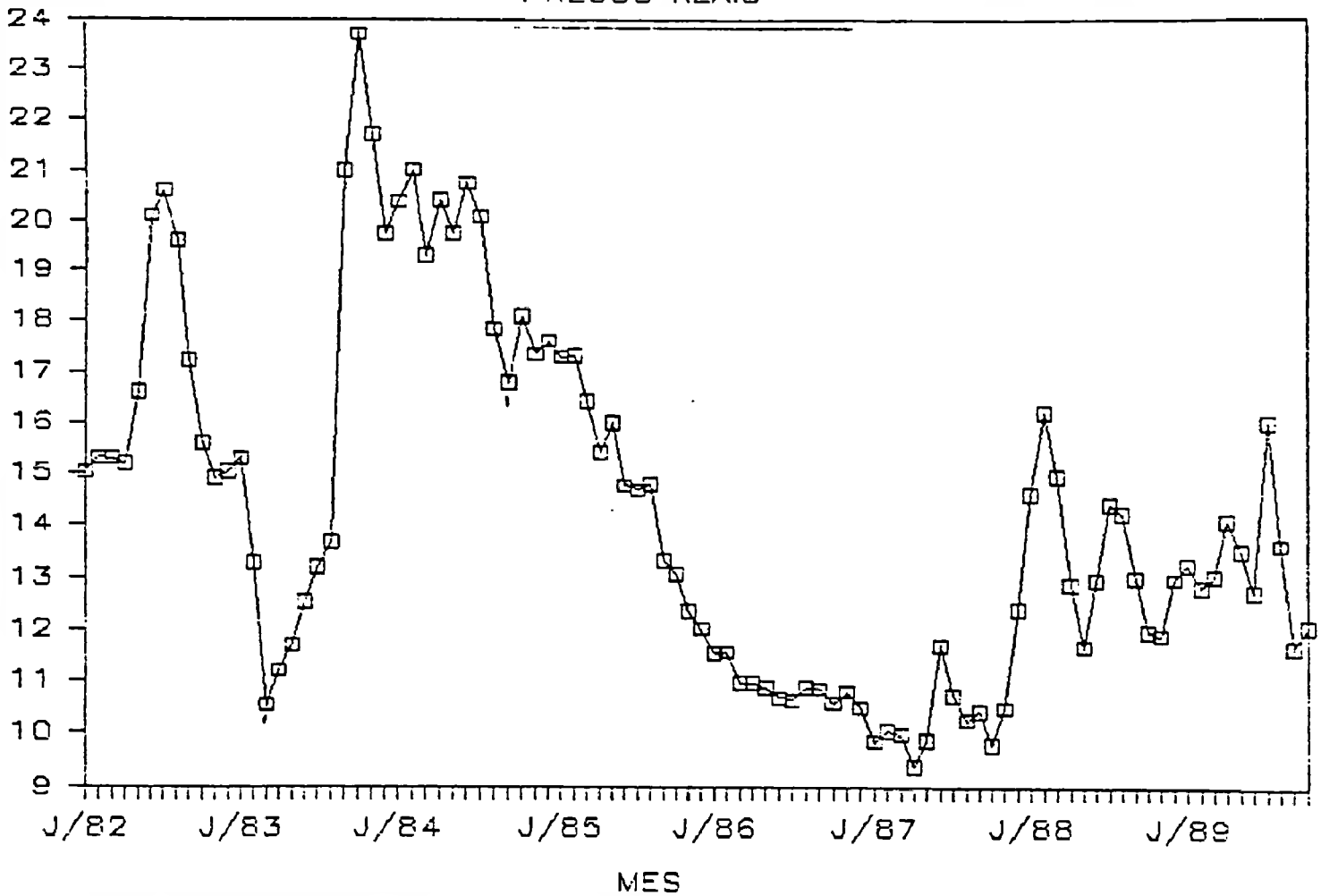


Fonte: INFORMATIVO ABIOVE.

GRÁFICO 8-A

OLEO REFINADO — VAREJO

PRECOS REAIS



Fonte: INFORMATIVO ABIOVE.

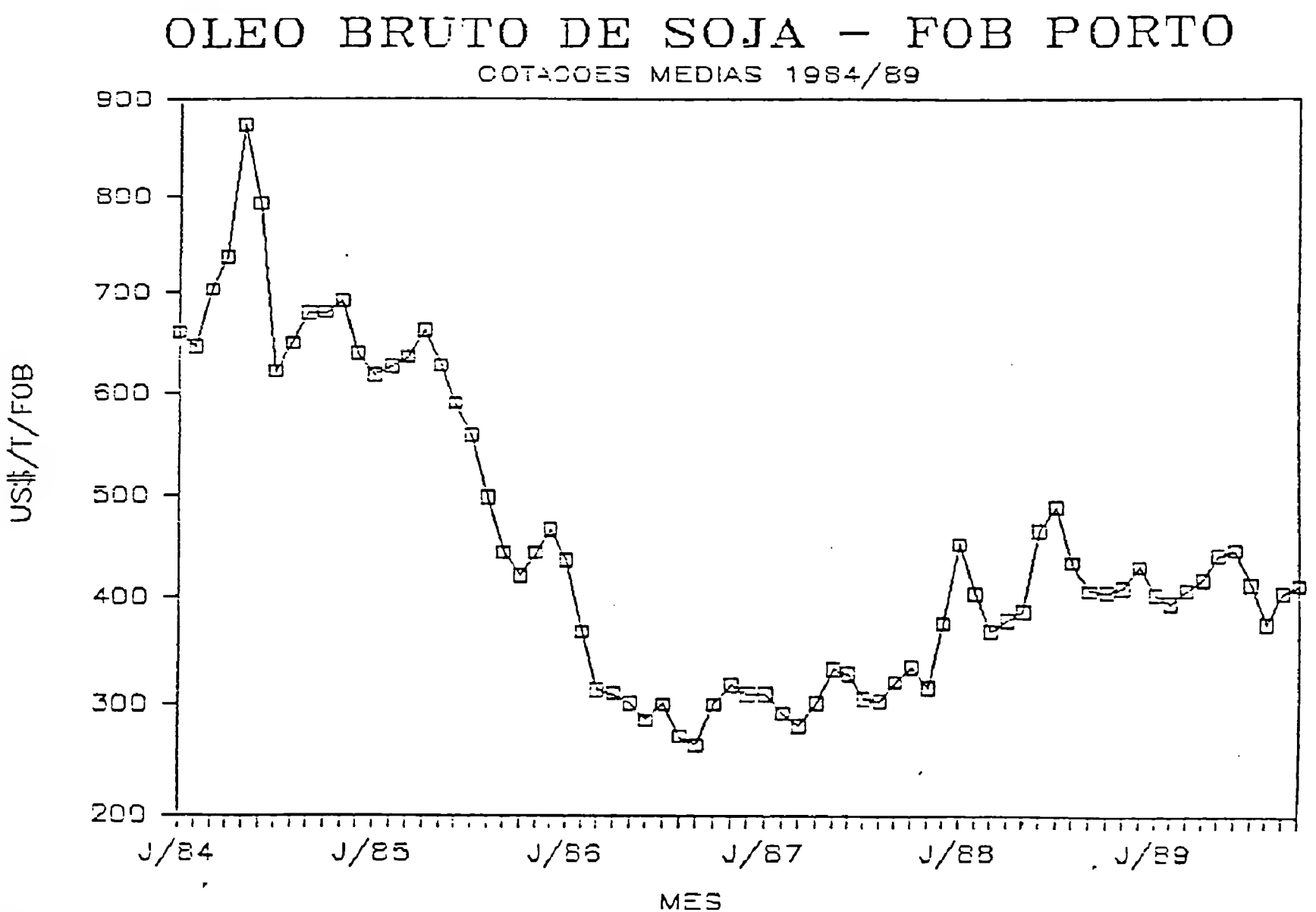
-- Períodos de Preços Controlados

Fev/83 - Jul/84

Mar/85 - Nov/87

Nov/88 - Jun/89

GRÁFICO 7


OLEO BRUTO DE SOJA - FOB PORTO
COTACOES MEDIAS 1984/89
US$/T/FOB
900
800
700
600
500
400
300
200
J/84
J/85
J/86
J/87
J/88
J/89
MES

OLEO—REFINADO — VAREJO

PRECOS REAIS

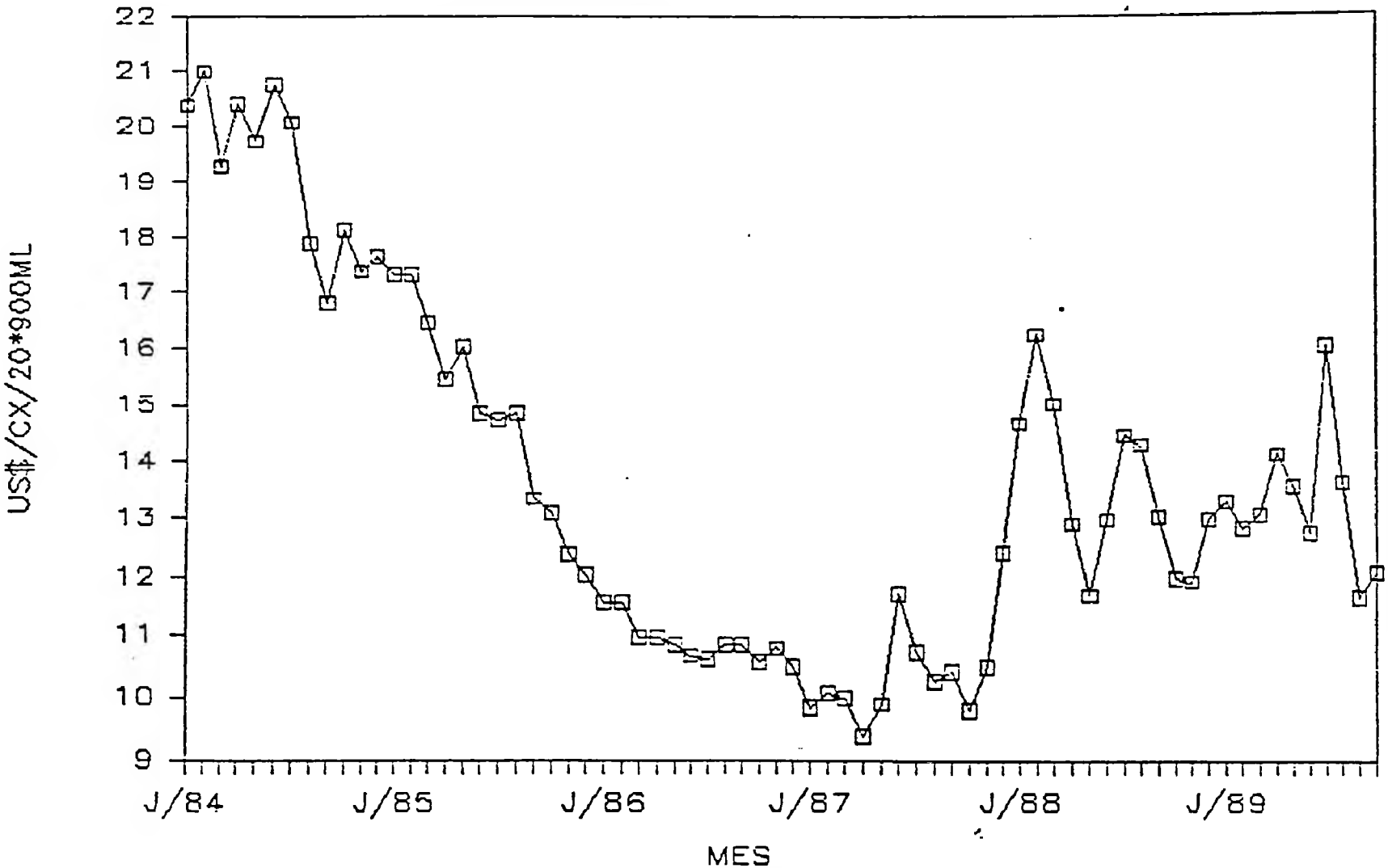


GRÁFICO 8

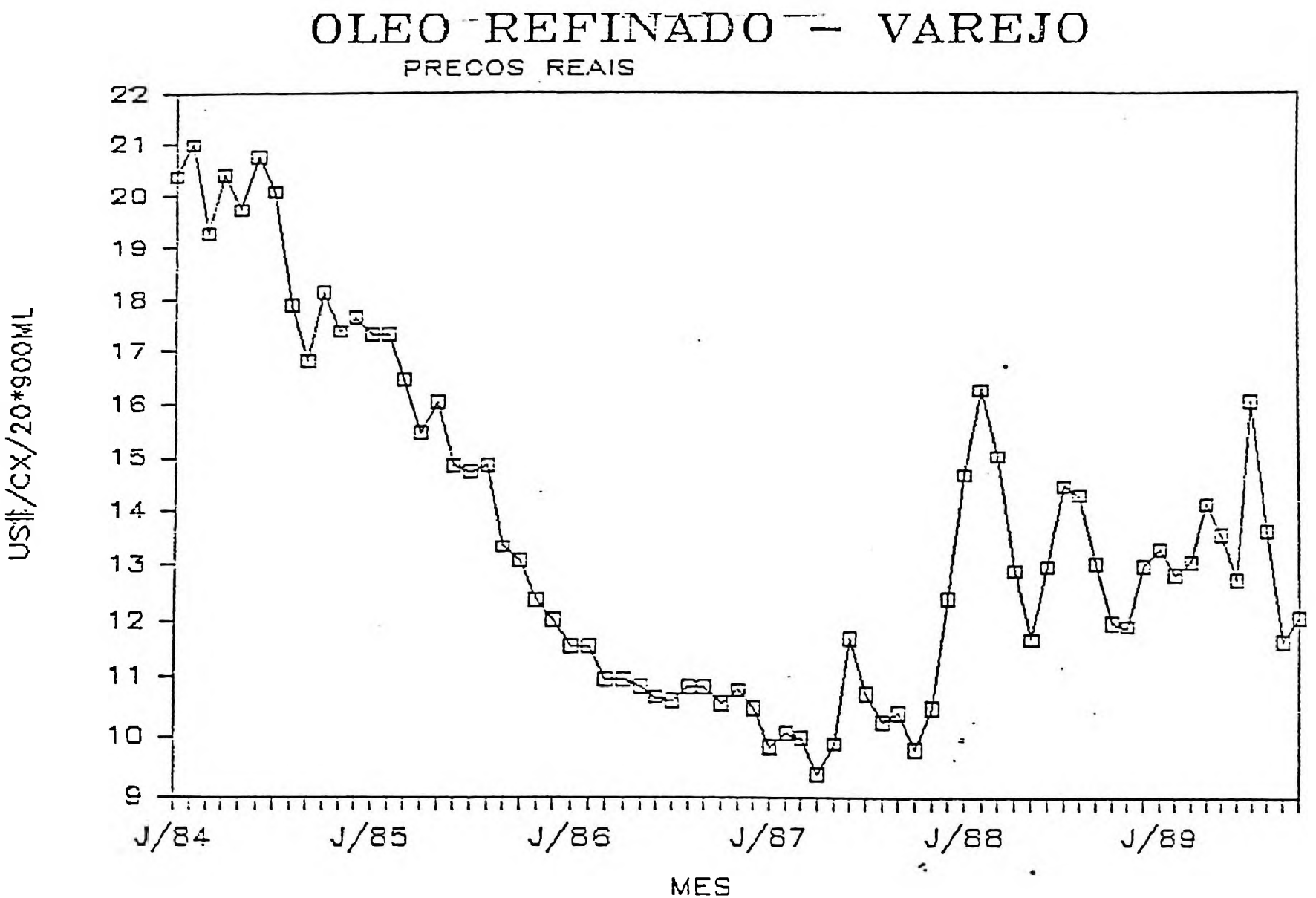
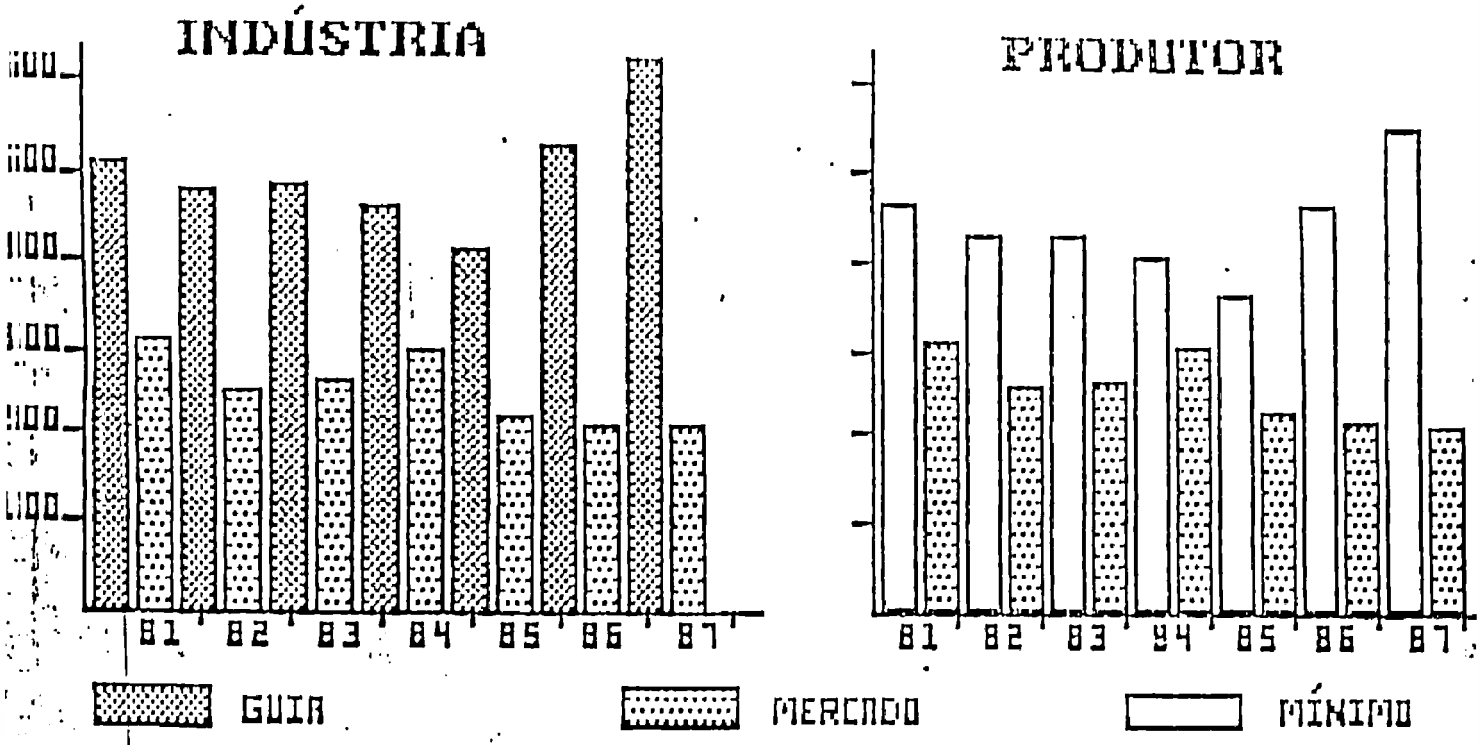

OLEO REFINADO — VAREJO
PRECOS REAIS
US$/CX/20*900ML
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
J/84
J/85
J/86
J/87
J/88
J/89
MES

GRÁFICO 11

SOJA - CEE
COMPARATIVO COM VALORES DO MERCADO MUNDIAL

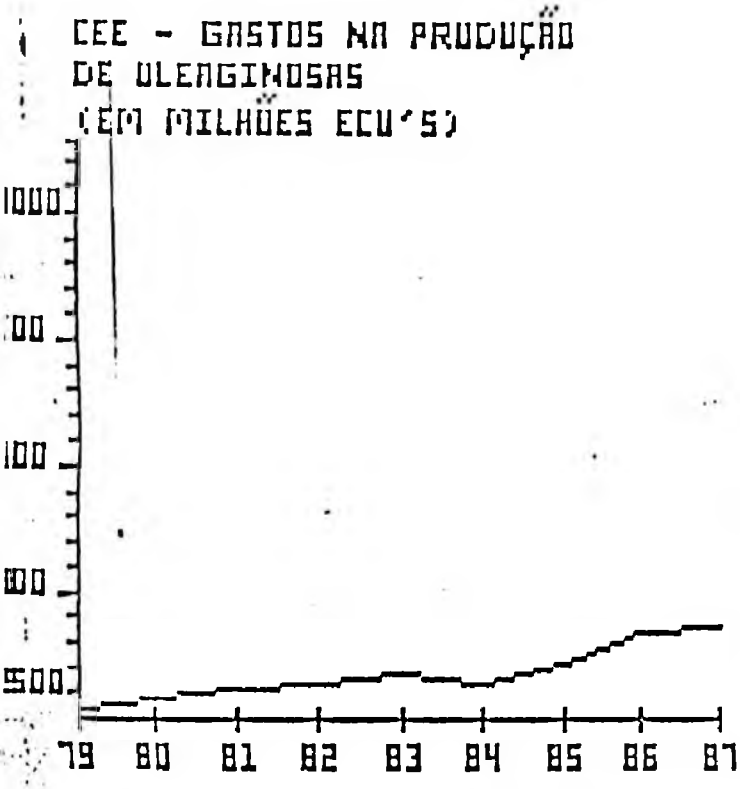
(EM US$/T)

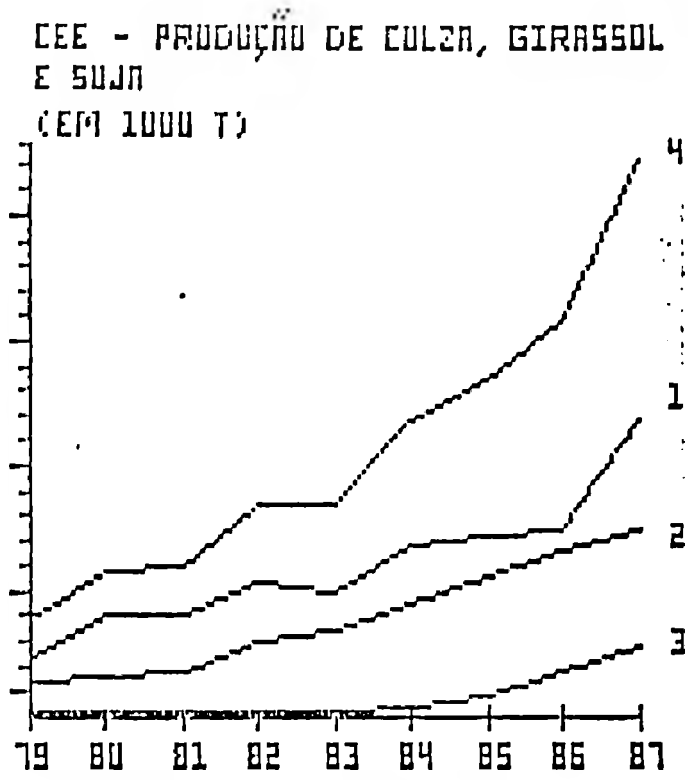


OBS.: MERCADO CORRESPONDE A COTAÇÕES CIF ROTTERDAM - OIL WORLD

FONTE: ASA

GRÁFICO 12





1. COLZA 3. SOJA

2. GIRASSOL 4. OLEAGINOSAS

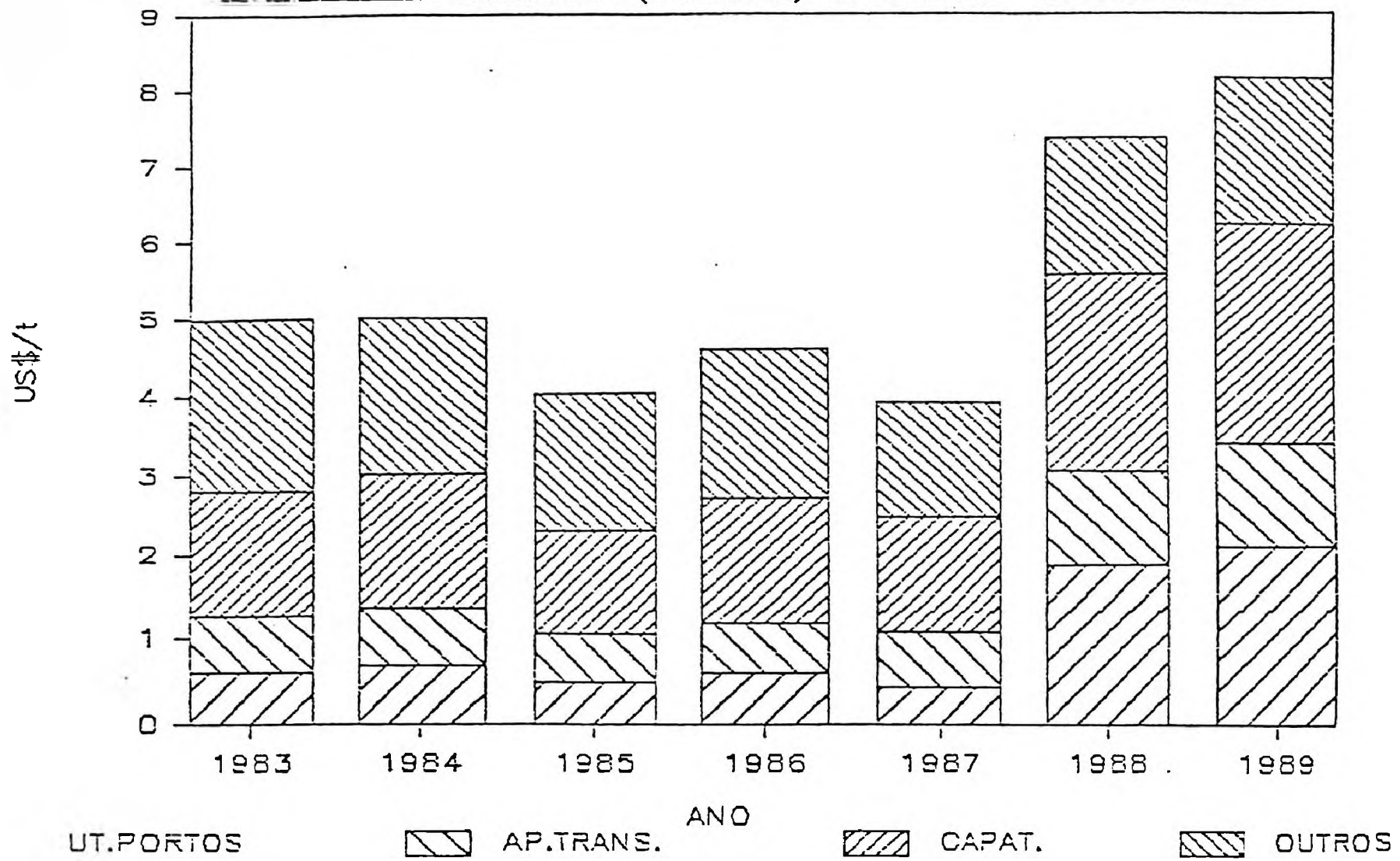
INTE : EUROPEAN AGRICULTURAL GUIDANCE AND GUARANTEE FUND E USDA.

GRÁFICO 13

STADOS UNIDOS - EXPORTAÇÕES DE ÓLEO DE SOJ
SEM ASSISTÊNCIA GOVERNAMENTAL
1000 t
900
800
700
600
500
400
300
200
100
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
FONTE : USDA
ANO

DESPESAS PORTUARIAS — FARELO DE SOJA

PARANAGUA (GRANSOL) BASE ABRIL

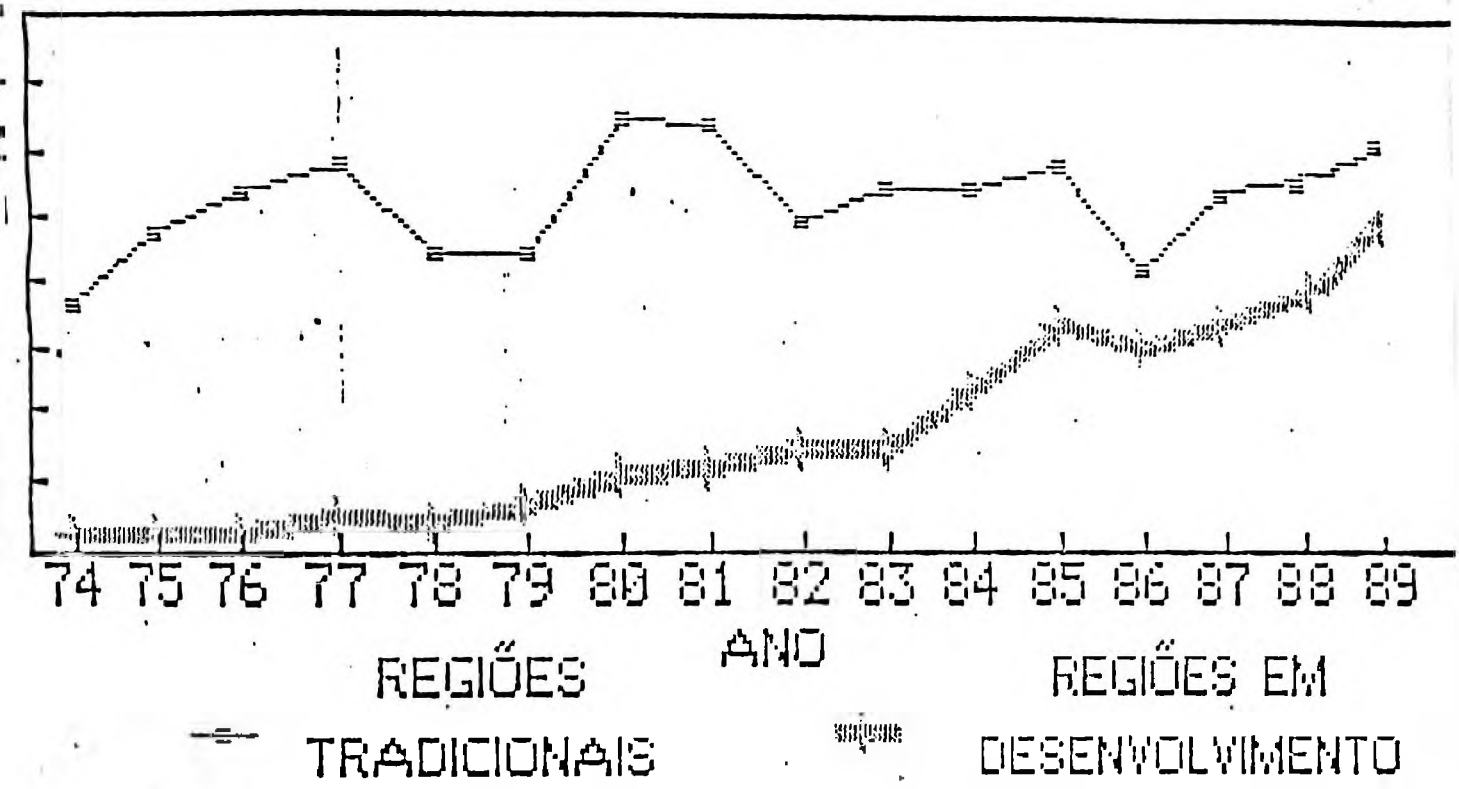


OBS.: A partir de Outubro/89 a tarifa foi elevada para US$ 11,10.

GRÁFICO 1

SOJA - BRASIL

Tendência das Regiões de Produção
(em Milhões T)



ELABORAÇÃO: ABIOVE